

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ANNA KOHN HOINEFF
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz

Entrevistada – Anna Kohn Hoineff (AK)

Entrevistadoras - Laurinda Rosa Maciel (LR), Magali Romero Sá (MR) e Nathacha Regazzini Bianchi Reis (NR)

Data – 14/06 e 05/07/2000

Local - Rio de Janeiro/RJ

Duração – 1h44min

Transcrição - Carlos Henrique Assunção Paiva

Conferência de fidelidade - Nathacha Regazzini Bianchi Reis

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

HOINEFF, Anna Kohn. *Anna Kohn Hoineff. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz*, 2000. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 72p.

Resenha biográfica

Nasceu em 18 de maio de 1940, na cidade do Rio de Janeiro, é filha de Rosa e Jacob Kohn, ambos imigrantes poloneses. Viveu nos bairros da Tijuca e Flamengo, onde fez toda sua formação básica no Colégio Anglo-Americano.

Ao terminar o curso científico, foi convidada por seu professor de Química para trabalhar como assistente, conseguindo assim seu primeiro contrato como auxiliar de laboratório no colégio. Através de convite do professor Roberto Blum, também do Colégio Anglo-Americano, ministrou aulas de ciências no programa "Ciência no Ar" na TV Tupi. Afastou-se do Colégio Anglo-Americano e, durante o curso pré-vestibular, travou conhecimento com grupos do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Fez o curso de História Natural na Universidade do Estado da Guanabara UERJ, ingressando no ano de 1960. Em 1962, concluiu o bacharelado e, no ano seguinte, a licenciatura em História Natural. Seu primeiro contato com o IOC se deu na ocasião em que preparava um dos seus programas sobre ciências na TV Tupi quando conheceu o pesquisador Lauro Travassos que a convidou para estagiar em seu laboratório. Ao longo dos anos de 1961 e 1962, trabalhou com Lauro Travassos na Coleção de Lepidoptera. Incentivada pelo pesquisador, ingressou em 1961, no Curso de Especialização em Helmintologia do IOC, passando em primeiro lugar. Ao longo do curso, optou por estudar parasitos de peixes, afastando-se assim dos trabalhos com borboletas. Seu primeiro artigo publicado foi sobre parasitos de peixes, em 1961. No mesmo ano passou a receber uma bolsa de pesquisa e, em 1964, junto com outros bolsistas da instituição, foi efetivada no IOC.

Através de contatos com parentes em Israel, fez estágio durante três meses, em 1963, com os professores G. Wertheim e Ilan Papema, na Hebrew University, em Jerusalém, tendo trabalhado em parasitos de peixe. Neste mesmo ano, estagiou no Musée National d'Histoire Naturelle, em Paris, com os professores Alain Chabaud e Robert Dollfus, voltando para o Brasil em outubro de 1963.

Em 1967, convidada por Lauro Travassos, trabalhou na elaboração do Catálogo de Trematódeos do Brasil, publicado em 1970. Foi editora das Memórias do IOC nos anos de 1970 e 1971. Assessorou tecnicamente a gestão de Oswaldo Cruz Filho de 1971 a 1974. Nesta época, passou a trabalhar no laboratório de Helmintologia com a pesquisadora Miriam Tandler, tendo sido ambas responsáveis pela reforma do antigo biotério.

Foi convidada, em 1974, a ocupar o cargo de professora de helmintologia no curso de Mestrado em Zoologia do Museu Nacional, UFRJ. Lá, ministrou aulas e orientou teses até 1976, e durante os anos de 1987 e 1990. Também ensinou helmintologia no Curso de Mestrado em Parasitologia Médica da Fiocruz e foi professora dos tópicos autópsia de animais e manuseio de coleções, no curso básico para estagiários da Fiocruz. Tem ministrado vários cursos helmintologia e parasitos de peixes em diversas instituições do país. A transformação estatutária da instituição, em 1970, abriu a possibilidade dela ocupar o cargo de pesquisadora na instituição, o que só veio a ocorrer, de fato, em 1977. Finalmente, em 1987, passou a categoria de pesquisadora titular da Fiocruz.

Em seu trabalho na Coleção Helmintológica, com Lauro Travassos e João Ferreira Teixeira de Freitas, foi a responsável pela normalização, assinada pelo então presidente Oswaldo Cruz Filho estabelecendo que os exemplares-tipos não poderiam sair da coleção devido às constantes perdas destes empréstimos para o exterior. Desde 1985, Ana Kohn

desenvolve pesquisa de parasitos de peixe em parceria com a ELETROSUL, em reservatórios de usinas hidrelétricas e no Departamento Nacional de Obras contra as Secas, no estado do Ceará. É uma das fundadoras na Fiocruz da linha de pesquisa com helmintos parasitos de peixe. Em 1991, quando a Fiocruz credenciou seus laboratórios, o grupo de trabalho do Laboratório de Helminologia foi dividido, tendo sido criados o Laboratório de Platelmintos, Parasitos de Peixes e o Laboratório Geral de Parasitos de Vertebrados, tendo ocupado a chefia do Laboratório de Helmintos Parasitos de Peixes. Em 2014, editou, com Berenice Fernandes, o segundo catálogo de uma série, atualizado com informações sobre todas as espécies de parasitos da classe Trematoda descritas na América do Sul, intitulado ‘South American Trematodes Parasites of Amphibians and Reptiles’.

Sumário

Fita 1 - Lado A

Origem familiar, seus cursos básico e científico; o trabalho como assistente no Colégio Anglo-Americano; as atividades no Programa Ciência no Ar, na TV Tupi; a preparação para o curso de história natural; seus trabalhos com aranhas e cobras no programa Ciência no Ar; referência ao convite para trabalhar com Lauro Travassos no IOC e suas atividades com borboletas; o Curso de Especialização em Helminologia e seu interesse pelo estudo de helmintos parasitos de peixes por sugestão de Lauro Travassos; a opção por este estudo em detrimento ao de borboletas; o primeiro trabalho publicado sobre helmintos parasitos de peixes e início do trabalho remunerado em Manguinhos; a rotina nos meios de transporte disponíveis para Manguinhos; a efetivação como pesquisadora no IOC; o estágio na Hebrew University, Israel; comentários sobre sua passagem por Paris, no Museu de História Natural, e o contato com os professores Chabaud e Dollfus.

Fita 1 - Lado B

Continuação dos comentários sobre a passagem por Paris e a pesquisa realizada no acervo do Museu de História Natural; a chegada em Israel e o encontro com os professores Wertheim e Illan Papema; comentários sobre o trabalho com parasitos de peixes do Mediterrâneo e parasitos de peixes de aquário; avaliação do estágio realizado por três meses e a oportunidade de estudar parasitos monogenéticos (parasitos de branquíais); o retorno ao Brasil e seu casamento, as pesquisas no IOC e os trabalhos de campo; referência à publicação do catálogo de parasitos de peixes do Brasil; o falecimento de João Ferreira Teixeira de Freitas, de seu pai e de Lauro Travassos, todos no ano de 1970; o convite de Oswaldo Cruz Filho para o cargo de assessora técnica da direção do IOC; o impacto da criação da Fiocruz na atividade de pesquisa; os efeitos do Massacre de Manguinhos; referência ao trabalho de direção de Wladimir Lobato Paraense, no IOC, e de Vinícius da Fonseca, na Presidência da Fundação; a permanência no IOC como estatutária e a reforma no prédio do biotério que propiciou a criação de caramujos e camundongos; o trabalho com Míriam Tandler; o uso do primeiro microscópio eletrônico no Instituto; referência à administração de José Coura; o credenciamento dos laboratórios do IOC, em 1991; o período do presidente da República, Fernando Collor de Melo, e seu pedido de aposentadoria.

Fita 2 - Lado A

Comentários sobre atividades acadêmicas como docente do curso de mestrado em Zoologia do Museu Nacional e sua orientação na primeira dissertação de Mestrado em Zoologia defendida na instituição; as bolsas do CNPq e a sua efetivação como pesquisadora titular na Fiocruz; o trabalho de orientação de teses; referência à gratificação oferecida aos pesquisadores pós-graduados na Fiocruz e o trabalho de docente no IOC; a criação e o desenvolvimento da Coleção Helminológica no IOC; a importância das coleções científicas nas atividades de pesquisa; considerações sobre a definição dos tipos nas coleções científicas; os empréstimos de exemplares das coleções científicas do IOC para o exterior;

as atividades de pesquisa sobre helmintos parasitos de peixes em reservatórios da usina hidrelétrica Itaipu; a abertura da linha de pesquisa sobre ultra-estrutura dos parasitos de peixes e a orientação de teses e dissertações sobre este tema; a elaboração do catálogo sobre parasitos de peixes da América do Sul; atualização do catálogo de espécies de trematódeos existentes no Brasil, cuja primeira edição foi elaborada com Travassos e Teixeira, em 1969.

Fita 2 - Lado B

Atualização do catálogo sobre parasitos de peixes e as publicações sobre o tema no Brasil; referência à sua equipe de trabalho na Fiocruz; tentativa de transferência da Coleção Helminológica do IOC para o Museu Nacional na década de 1970; comentários sobre as dificuldades de contratação de pessoal; considerações sobre a questão da remuneração das atividades de pesquisa no país.

Data: 14/06/2000

Fita 1 – Lado A

NR – Hoje é dia 14 de junho de 2000, projeto Memória das Coleções Científicas da FIOCRUZ, entrevista com a Dr.^a Anna Kohn. (vozes ao fundo).

LM – Bom, estamos aqui, eu, Laurinda Maciel, Magali Romero Sá e Nathacha Bianchi Reis, conversando com a Dr.^a Anna Kohn, não é, doutora? Bom dia!

AK – Bom dia!

LM – Essa é a nossa primeira fita, não é? Da nossa gravação, do nosso bate-papo. E a gente queria assim, doutora, que a senhora começasse a falar com a gente, rememorando um pouco da sua infância, onde a senhora nasceu, quando foi que nasceu...

AK – Tudo isso?

LM – Seus pais, a senhora... (Risos). Não, mas aí, não precisa ser...

AK – Bem rapidinho, não é? Está bom.

LM – Rápido, é. Só de uma maneira que a gente possa conhecer a senhora um pouquinho.

AK – Está certo. Bom, então, começando, meus pais vieram da Polônia, minha mãe chegou no Brasil com dois anos de idade e meu pai com dezoito anos, não é? Os dois de Varsóvia. E eu nasci no Rio de Janeiro, em 18 de maio de 1940 e fui criada, em criança nós ainda moramos na Tijuca (voz ao fundo), depois fomos para o Flamengo e fiz toda a minha formação básica no Anglo, Colégio Anglo-Americano, terminei. Quando eu terminei o científico no Anglo-Americano, eu pretendia em princípio, eu era muito boa aluna de Química, eu gostava muito de Bioquímica. Então, nisso quando eu terminei o científico, eu me inscrevi para fazer o cursinho pré-vestibular, que naquela época, não se fazia junto, não é? Normalmente como hoje em dia o vestibular junto com o terceiro ano. Você fazia um cursinho pré-vestibular e aí eu ia fazer pra Odontologia. Mas nisso, quando eu terminei o científico o professor de Química do Colégio Anglo-Americano, professor Abdulazir de Alcântara, me convidou para trabalhar com ele no Colégio, assim como assistente dele, ajudando ele nas aulas, etc. e eu primeiro não aceitei, porque eu estava muito animada com o cursinho, etc. E nesse cursinho, por um acaso, eu tive um professor, professor de Bioquímica, que era um rapaz novo, que dava aulas maravilhosas de Química num método mais moderno, não é, do que o professor Alcântara lá do Anglo-Americano. Bom, no meio do ano eu aceitei o convite, porque eu vi que dava para estudar e trabalhar inclusive, querendo, precisando ganhar um dinheirinho, não é, para ajudar no dia-a-dia, eu então comecei a trabalhar no Anglo-Americano como assistente do professor Abdulazir de Alcântara, já com o meu primeiro contrato de trabalho como auxiliar de laboratório. Muito bem. Só que nesse ínterim, quando eu comecei, eu acabei que ele pediu para eu substituí-lo numa aula, em outra, e acabei que eu fiquei dando aulas no lugar dele, e dando aulas, mas já

no método do que eu aprendia no cursinho pré-vestibular. Então, tudo o que eu aprendia no cursinho, nas aulas... eu levava para as aulas que eu dava lá no Anglo-Americano e que não era nem muito legal, não é, porque eu nem na faculdade não estava, mas eu ficava substituindo o professor, ele já era um senhor, ele achava ótimo e os alunos também. Porque eu estava passando uma matéria mais moderna, de uma maneira mais moderna, etc. Nesse ínterim, enquanto eu estava no Colégio, tinha um professor, o professor Roberto Blum, que era o pai da Norma Blum, não é, que é aquela artista de televisão. E o professor Blum naquela época tinha um programa de Inglês na televisão, ele ensinava Inglês na televisão, na TV Tupi. E sobrou um horário livre na televisão naquela época e ele então ofereceu aos professores da Escola aquele horário livre para que alguém desse aula sobre Ciências, não é? Convidou o professor de Física, o Markeson, convidou o professor de Matemática, enfim todos eles, mas eles naquela época, imagina trabalhar na televisão? Eles acharam aquilo até meio ofensivo e ninguém aceitou. Aí, o Blum falou comigo. É óbvio que eu aceitei de imediato, imagina, dar aula na televisão, etc. Enfim, aí eu fui, o programa chamava-se *Ciência no Ar*, o professor Alcântara com quem eu trabalhava não aceitou, não quis também, então eu fui. Então, era às terças-feiras, às duas da tarde, o que poderia interessar? Quem é que assistia? Era dona de casa, criança, empregada doméstica. Então, o que que eu ensinava? Então, eu comecei com um programa sobre obtenção do cloro, a utilização do cloro na água, na água clorada, enfim... aquelas coisas todas e..., (vozes ao fundo) e aquilo teve uma boa...

LM – Receptividade?

AK – Receptividade. E começaram a chegar cartas. Enfim, o programa foi indo, era uma vez por semana, tudo bem. Até que um dia eu cheguei no Colégio e o professor Alcântara chegou para mim... Ah! eu preparava essas aulas sempre em vésperas e obviamente com material do Anglo-Americano, que ele permitia, para levar o material todo para a televisão. Um dia eu cheguei lá numa segunda-feira, a aula era na terça. Era às terças-feiras, às duas horas, aí estava o Alcântara, com um papel, disse assim: “Ah, Anna, eu preparei a aula para você.” Aí o (TI), aí tal, estava escrito: “Essa aula foi preparada pelo professor Abdulazir de Alcântara”, de quem eu sou assistente.

LM – Ah.

AK – Aí eu digo: “Não, professor, o senhor não aceitou porque não quis. O programa é meu.” Então, não tem porquê, não é? E fiquei chateada, não apresentei aquela maneira dele, apresentei a aula que eu quis, mas pedi minha demissão, porque a essas alturas havia uma incompatibilidade, não é, uma situação desagradável. E aí se criou um quiproquó, fala... (pausa na gravação). Então, isso criou assim, uma situação desagradável no Colégio, porque os alunos souberam e aí fizeram um abaixo-assinado para eu não sair, para eu ficar no lugar do professor. Coisa que não era possível, porque eu não era nem professora. Enfim, mas foi (ruído) um negócio assim até muito gratificante, não é ...

LM – Um reconhecimento, não é, de seu trabalho?

AK - Aquele movimento todo, não é, que fizeram, etc. Mas, eu saí do Colégio. Saí e aí eu fiquei, que ainda tinha o material que eu tinha levado para casa, para dar aula, que seria uma

aula de hidrogênio. E eu, então, fui fazer os testes em casa. E o que eu ia fazer nessa aula, seria uma das experiências, era a lâmpada filosofal, que você botava num balão, você botava um metal, botava um ácido, aquilo desprendia o hidrogênio, você acendia, dava uma chama. Eu então treinando em casa, eu quis, falei então, aí pensei, não é, digo: se eu botar mais ácido, mais metal, vai dar uma chama maior, vai ficar mais bonito. Enfim, fiz uma pequena explosão em casa...

LM – Risos.

AK – Tive que sair correndo, pra universidade, que onde trabalhava esse professor de Química, não é?

LM – De Química.

AK – Meu amigo, para me dar material, fiz essa aula, mas depois eu vi que eu não teria mais condições de continuar dando, essas aulas de...

LM – Na TV?

AK – De Química, não é? Porque eu não tinha mais material. Então eu digo assim: Bom, a essas alturas eu estava no cursinho vestibular e no cursinho eu fiz muita amizade com o pessoal do Museu Nacional, Museu de História Nacional, na Quinta da Boa Vista, onde eu ia estudar. Eu ia me preparar muito para a coisa. Porque a essas alturas o professor de Química já tinha me convencido que eu em vez de fazer Odontologia, eu devia fazer Química e eu na realidade queria fazer Bioquímica, não a Química Industrial, mas a Bioquímica. Então, eu resolvi me inscrever ao invés de Odontologia, me inscrevi no curso de História Natural. Naquela época era o curso de História Natural que hoje é Biologia. Então, me inscrevi no curso de História Natural e para me preparar para esse curso tinham umas aulas lá no Museu Nacional e eu fiz amizade com o pessoal do Museu Nacional e lá no Museu então, eu conheci o professor Vitor Starvinski, que era um professor que, ele que tinha uma coleção, ele criava aranhas caranguejeiras. Então eu achei que seria interessante uma aula na televisão (ruído), sobre aranhas caranguejeiras, sobre aranhas em geral. O que é que deve se fazer sobre aranhas venenosas, não venenosas, então eu preparei essa aula sobre aranhas caranguejeiras, convidei, logicamente, o dono das aranhas, o professor Vitor e levei pra televisão. Fiz uns cartazes lindíssimos, mostrando toda a anatomia da aranha, não é, a glândula, as diferenças entre peçonhentas, não peçonhentas, enfim e levei e fiz essa aula que foi meio dramática, porque no meio da, da televisão, durante a aula, que era ao vivo, não é, naquela época não, não tinha negócio de...

LM – *Vídeo-tape*...

AK – *Vídeo-tape*, ainda era ao vivo. 1958. 58, não 59.

LM – 59.

AK – 1959, eu terminei em 59. 59. E, e durante aula (ruído) eu tinha pavor, como tenho até hoje de aranha, não é? Então aranha caranguejeira para mim é um horror. (risos). Então, eu fiquei ali, ele botou (ruído) numa mesa as aranhas e tinha uma espécie de um pauzinho comprido, não é, para a gente mexer com as aranhas, para elas se movimentarem e uma delas começou a subir pelo pauzinho, eu dei um berro (risos), e foi aranha para tudo quanto é lado, foi um horror na realidade.

LM – E o pessoal em casa vendo, não é? (risos), a senhora gritar?

AK – Todo mundo vendo, os *camera-men*, ninguém mais queria fazer os meus programas, foi assim uma beleza (risos). E aí, eu acho que a gente com 19 anos é um pouco ainda irresponsável, não pensa muito...

LM - Que bom, não é?

AK – É, e aí...

LM - Que a gente não tem tanto medo, não é?

AK – Terminou e eu digo: bom, o próximo programa vai ser sobre cobras, entendeu, e nunca vi uma cobra mais perto a não ser em jardim zoológico, enfim. E durante aquela semana eu então saí procurando alguém que tivesse uma cobra para me emprestar. E aí cheguei na faculdade: “alguém conhece as cobras? Alguém conhece as cobras?” E conheci então um rapaz (ruído no gravador), Paulo Bornheim, que disse pra mim: “Olha, Anna, eu trabalho em Manguinhos, sou estagiário lá no Instituto Oswaldo Cruz e eu tenho umas cobras lá no laboratório, se você quiser, você vem que eu te empresto as cobras.” Isso foi exatamente em junho, mais ou menos junho, julho...

LM – De 59?

AK – De 1959. E eu vim com o Paulo para pegar as cobras e ele trabalhava aqui na Helmintologia, com o professor Lauro Travassos. Ele era... estagiário...

LM – Estagiário?

AK – Do laboratório. E ele me trouxe, eu passei uma semana com ele vendo as cobras, me preparando, aprendendo a segurar uma cobra. Ele tinha cobras, aquela limpa-campo, que não são venenosas. Enfim. E eu preparei então um programa sobre cobras e fui com ele dar esse programa de cobras. Então, nós fizemos uma série de quatro, chegamos a fazer quatro programas, quatro aulas sobre cobras, cada aula ele levava umas cobras diferentes, que ele tinha várias, ele arranhou outras. Só que na primeira aula já foi um, também um acidente, porque o Paulo nunca tinha estado na televisão, obviamente ele ficou nervoso e na hora ele pegou a cobra, a limpa-campo, tirou da gaiola (estalo com a boca) e para me entregar. E se você segura a cobra, você segura pela cabeça, pelo corpo a cobra, está, não faz nada. Ele em vez de me entregar a cobra ele jogou...

LM – Jogou? (risos)

AK - A cobra (risos) e a cobra se enroscou no braço e...

LM – Ah....

AK - Me mordeu na mão direita, pegou. E ela, o dedo, a, os dentes entraram...

LM – Ah...

AK - Não saía. Ele teve que tirar. Em síntese, eu felizmente tive presença de espírito de na hora mostrar inclusive o sangue que escorria, não é, (ruído) e eu dizendo: “Olha, vocês estão vendo? Não tem perigo nenhum a mordida de uma cobra...”

LM – E por dentro, você... (risos)

AK - É de um cachorrinho. A essas horas você está tão tensa também no programa...

LM – Você nem percebe mais ...(risos)

AK - No programa e tudo, que você vai adiante, não é? Então, eu só mostrei, eu digo: “Olha, é o perigo de um cachorrinho, não é, com dentes afiados, pequenininhos, que morde e sangra, mas não tem perigo.” Porque a essa altura eu já tinha mostrado a glândula de veneno... Enfim, aquela coisa toda, mas foi uma coisa assim, que eu cheguei em casa mamãe desmaiada (risos), porque a cobra mordeu, não é?

LM – Obviamente ela ficava em casa...

AK – Isso, isso.

LM - Vendo os programas.

AK – E todo mundo, obviamente aqui no Instituto também já estava assistindo.

LM – Nossa!

AK – E a única coisa desagradável, na realidade, foi que a cobra com toda aquela...

LM – Agitação?

AK - Tensão, não é? E todo... Enfim, a cobra no dia seguinte...

LM – Morreu.

AK – Morreu. Então, o zum-zum-zum aqui em Manguinhos, Manguinhos antigamente, naquela época vocês imaginam. Não é o que é hoje, não é?

LM – É...

AK - Essa Fundação era só um Instituto, tinha muito menos gente, todo mundo se conhecia, porque a gente almoçava no refeitório. Enfim, então aquele zum-zum-zum que a cobra..., doutora Anna matou a cobra...

LM – Risos.

AK - Mais venenosa que a cobra, e essas histórias ficaram...

LM – Já ficou conhecida, não é doutora?

AK - Rodando na época. Bom, acabou que no final, no último dia, eu acabei sendo quase que expulsa da televisão, porque no penúltimo programa, o carro do Instituto, porque o diretor nos dava o carro para ir nos buscar e levar. E o carro não chegava. E nesse dia por acaso, a gente estava com as cobras venenosas, peçonhentas.

LM – Hum.

AK – E, então, o professor Blum, que ele nos acompanhava sempre, viu que o carro não chegava, já estava tarde, disse: “Anna, pega a jibóia e vem comigo na sala do diretor, vamos pedir um carro para ele. E eu fui lá segurando a jibóia. Essa altura eu era íntima das cobras, não é?”

LM – Risos.

AK – Aí chegamos na sala do diretor e ele quando me viu entrar com uma cobra na mão ele subiu na cadeira literalmente...

NR – Risos.

AK - Porque ele tinha sido mordido por cobra numa fazenda. Ele tinha pavor de cobra. Então, ele chamou o chofer: “Leve essa moça com as cobras. A senhora não me deixe nenhuma cobra no carro. Eu digo: “Óbvio, não é, que ninguém vai deixar a cobra no carro.” Só que nós tínhamos, o Paulo tinha um lagarto, que ele chama aquela cobra de duas cabeças, que nem é cobra, é um lagarto, não é? E, quando nós chegamos aqui, o carro da televisão foi embora e a caixinha estava vazia. O tal do lagartinho, da cobrinha, tinha escapado no carro.

NR - No carro do dire...(risos).

LM – Que tinha horror a cobras. (Risos)

AK – A essas alturas, pois é, a essas alturas quem deve ter achado a cobra deve ter sido até o chofer, nem ele, não é. Mas, o...

LM – E a preocupação, não é?

AK - A história foi que soltaram uma cascavel no carro do diretor. Aquele negócio, quem conta um conto...

LM - Conta um conto, aumenta um ponto.

AK - Aumenta um ponto, que é verdadeiro.

MR – Quem era o diretor na época?

AK – Da televisão?

MR – Não, daqui do Instituto?

AK – Ah, daqui eu nem me lembro mais.

MR – Era o (Henrique?) não?

AK – Eu só lembrava. Eu nem me lembro. Eu só lembrava quem era o chefe do laboratório. Bom, nesse ínterim eu fiquei muito tempo estagiando aqui, não é, então conhecendo o Travassos, o Teixeira e o Travassos achava que eu era jornalista, me achou muito interessada. Quando ele soube que eu era estudante, eu estava no primeiro ano da faculdade já, não é ...

LM – Já de História Natural, não é?

AK - Nessa altura eu já tinha passado, não é, para a faculdade, ele me convidou, perguntou se eu queria estagiar com ele. Eu não pensei duas vezes, não é ...

LM – É claro.

AK – Eu estava de malas e bagagens, porque no primeiro dia que eu entrei aqui, que eu não conhecia, não é, que eu entrei nos jardins, eu falei comigo mesmo: eu ainda vou trabalhar aqui, não é? E às vezes, as palavras, os anjos dizem amém até para os pensamentos... E as coisas se concretizaram. E eu então comecei a estagiar aqui e na realidade, o Travassos queria que eu ajudasse ele com as borboletas. Que Lauro Travassos trabalhava, era especialistas em borboletas e helmintos.

LM e MR – E helmintos.

AK – E eu comecei então ajudando ele a criar borboleta e dando comida para borboleta e desenhando, aprendendo a desenhar borboleta e varrendo o laboratório e limpando os vidros, enfim, ajudando a tudo, não é? E fiquei com as borboletas até que teve um curso, que naquela época os cursos do Instituto eram cursos de especialização. Teve uma época que era o grande curso do Instituto Oswaldo Cruz, que era um curso de dois anos, mas depois eles viram que era melhor fazer cursos específicos, de cada especialidade. Então, tinha o curso de

Entomologia, o curso de Helminologia, que em vez de ser uma coisa mais rápida, era um curso mais demorado. Então, tinha um curso de Helminologia e como ia ter o curso, o Paulo ia fazer também, e eu resolvi fazer também esse curso de Helminologia, mesmo não sendo de borboletas, o Travassos: “Não, vai fazer, vai fazer que vai ser bom para você, e eu fiz o curso, fui fazer o curso de Helminologia com o Paulo, não é? E, nesse ínterim, eu na realidade, meus pais não tinham uma situação econômica assim, muito excelente, não é? Então, eu dava aula em casa, particular, nesse ínterim, para ganhar um dinheirinho já que o estágio não era remunerado. Em outros laboratórios esse estágio, em outros departamentos, o estágio já era remunerado. Mas, nessa época, o chefe do departamento, que o Travassos já era aposentado, era o Teixeira de Freitas. E o Dr. Teixeira, ele só pedia bolsa para as pessoas, não é, ou seja, porque de estágio não remunerado e era bolsista, depois que a pessoa tivesse ficado um período como estagiário, tivesse começado a publicar, pra depois, então, ele pedir bolsa. Tanto que eu fui assinar o meu estágio aqui no Instituto no dia 25 de agosto, foi, que eu assinei o estágio e nesse dia, quando eu estava assinando o estágio na secretaria, junto estava o Dr. José Jurberg...

LM – Oh!

AK - Nós assinamos no mesmo dia. A diferença foi que o chefe do departamento de Entomologia era o Herman Lent. E o Herman já pedia bolsa direto, quer dizer, o Zé já começou com bolsa e eu comecei sem bolsa, só como estagiária. Bom, fui fazer o curso só como estagiária e fazia o curso e dava aula particular. No meio do curso, quando já tinha um mês e meio, mais ou menos, eu soube que o Teixeira tinha comentado com um dos laboratoristas, que do curso quem estava que não ia passar, era eu, porque eu faltava muito, tudo e ele me contou isso. Aí eu larguei as aulas, meti a cara e tirei o primeiro lugar no curso, não é, dei a volta por cima, porque eu não estava pretendendo um primeiro lugar. Eu estava fazendo para...

LM – É lógico.

AK - Aprendizagem. Mas, quando eu soube...

LM – Mexeu com seu brio, não é? (risos)

AK - Que ele achou que talvez eu não passasse porque eu faltava muito, eu dei a volta por cima. Tirei, estou aí com o diploma, primeiro lugar, média quase 10, noven... 9,99, sei lá, o quê. E o Paulo ficou muito chateado, porque eu passei a perna no Paulo. O Paulo Bornheim, que já era estagiário mais tempo, tirou segundo lugar e eu consegui tirar primeiro lugar, o que ele nunca me perdoou, com toda razão. (risos). Tirei o primeiro lugar, e aí durante o curso de Helminologia, a gente aprendia a fazer necropsia de animais e numa das necropsias, que nós estávamos fazendo necropsias de peixes, eu encontrei um parasito de peixe, que o Travassos então virou pra mim e disse: “Olha, Anna, parasito de peixe é muito pouco estudado, você devia olhar isso, porque a gente..” e eu, foi exatamente daí, desse primeiro parasito de peixe que eu encontrei no curso, quando terminou o curso eu comecei a estudar, ele me incentivou e eu larguei as borboletas e comecei a, já que eu tinha, o curso de

especialização em helmintos. A essas alturas já era um curso de três meses e pouco e eu então comecei a estudar esse parasito de peixe e daí que começou toda a minha história...

LM – Com os parasitos de peixe?

AK - Com os parasitos de peixe, não é? Com os helmintos parasitos de peixe. Bom, publiquei o primeiro trabalho sobre esses parasitos de peixe, desses da família do *cefalídeo*, e só depois então, foi em 62, que o Teixeira se dignou a pedir...

LM – Bolsa.

AK – Bolsa para mim. Depois que eu já estava há dois anos aqui, estagiando de graça, primeiro ano, primeiro lugar no curso, nada disso importou. Os outros laboratórios, os outros departamentos, todo mundo já com bolsa e eu lá ralando de graça, tendo que dar aula particular, para poder pagar condução, porque nem...

LM – É...

AK – Condução não tinha, não é?

LM – Pois é, doutora, isso que eu queria que a senhora falasse um pouquinho para a gente, meio a título de curiosidade. Como é que era vir para Manguinhos, no início da década de 60? Devia ser uma dificuldade, não é, assim para locomoção?

AK – Não, tinha...

LM – Não?

AK – Não, tinha ônibus.

LM – Tinha ônibus que...

AK – Tinha, tinha ônibus.

LM – A senhora morava na Tijuca, no Rio.

AK – Não, não, não. Eu morava, em 60 eu morava no Flamengo, na Marquês de Abrantes...

LM - Já estava no Flamengo. Ah, Está.

AK – Ah, sim. Eu com treze anos eu já fui, não. Com cinco anos eu já fui pra Botafogo...

LM – Ah, sim.

AK – E depois, com 13 anos, eu já estava na Rua Marquês de Abrantes...

LM – Então era uma rua tranqüila.

AK – Não e pegava, tinha condução. Demorava, mas tinha...

LM – Mas, tinha...

AK - Condução, não tinha dúvida. Depois, como eu já estava, quando eu estava aqui, e aí eu já vinha, eu vinha para cá de manhã cedo, de condução e depois eu pegava uma carona com o Travassos e que me deixava perto da faculdade.

LM – Certo.

AK – Quando ele ia para casa, ele já, eu já ia para a faculdade, que a grande vantagem da UERJ na época, era UEG...

LM – UEG.

AK – Universidade do Estado da Guanabara, atual UERJ. A vantagem é que o horário era das 5:00 às 9:30...

LM – Da noi... isso.

AK – Então permitia...

LM – Que a senhora, que as pessoas, é.

AK - Que eu cuidasse, que eu trabalhasse aqui de graça, durante o dia...

LM – E desse aulas também.

AK - Mas, fizesse estágio, estudasse nesse período da noite... Então 9:30 eu saía, chegava em casa 10:30 e dava aula particular no fim de semana...

LM – Certo.

AK – Às vezes de manhã cedo, antes de vir pra cá, entendeu?

LM – Hum, hum.

AK – Então, aqui, hoje em dia as faculdades são horários in...

LM – Integrais.

AK – Intensivos, integrais...

LM – É, claro.

AK – E nem com isso acredito que você aprenda muito mais do que você aprendia naquela época.

LM – É.

AK – Se bem que eu acho que naquela época o curso também não era nenhuma maravilha, não é? O que a gente, se não fosse a especialização que eu fiz aqui, não é, as faculdades não eram tão fortes, não sei, se bem que o horário era bom, de 5:00 às 9:30.

LM – É.

AK – Bom, em síntese. Então (ruído), consegui a bolsa do Instituto em janeiro de 62 e em junho de 62 aí eu já pleiteei bolsa do CNPq, que eu consegui em junho de 62, então em vez da bolsa do Instituto (ruído), eu fiquei com a bolsa do CNPq..., que já foi, que já era uma bolsa melhor, não é? Que já era, é, porque essas alturas eu já consegui a bolsa, eu já era... 62, eu já estava, não, ainda era bolsa de iniciação. Enfim...

LM – É, porque a senhora terminou em 63, não é?

AK – É, isso, exatamente, terminei em 63. E que daí eu continuei com a bolsa do Conselho Nacional de Pesquisas. E, a minha sorte de janeiro, se ter ganho a bolsa de 62, foi que em 64, o Paulo e a Dyrce Lacombe descobriram, alguém descobriu que em 62, não, em 63 tinha saído no Diário Oficial uma, foi o Jango, tinha feito uma lei, que aqueles que recebessem pelos cofres públicos desde 15 de junho de 62 seriam efetivados. Isso em 63. E, em sessenta e qua..., em sessenta eles descobriram isso.

LM – Isso.

AK – E o Paulo e a Dyrce começaram a correr atrás. E eles iam à Brasília, não sei o quê. Enfim, em 64 saiu a nossa efetivação com efeito retroativo desde 62, pois é.

LM – Ah, que bom.

AK – É, então, nós fomos um grupo grande aqui de Manguinhos, todos já bolsistas e, quer dizer, antigos estagiários, todos os bolsistas, fomos efetivados. E nessa turma, foi a turma de muitos que ainda estão aqui hoje, que é a Monika Barth, o Hermann Schatzmayr todo aquele grosso dos, e que foi a geração, que eu acho que manteve o Instituto, o Instituto funcionando, não é? Porque não havia concurso, ninguém mais entrava, então se não tivesse a nossa turma, ah, os outros eram muito mais velhos, não é?

MR – Se acabando.

AK – Ah, os outros foram morrendo, foram se aposentando... E, nós fomos a turma que...

LM – Uma renovação, não é?

AK – A renovação que mantivemos o Instituto em funcionamento. Porque foi o sangue novo que pode manter os laboratórios abertos, porque muitos laboratórios naquela época foram sendo fechados, não é? O Souza Araújo...E muitos assim. E outros que foram fei..., exemplo: Gobert, que se aposentou, a turma que exatamente, foi o Ernesto Hofer, o Leon Rabinovich, todos que entraram nessa, graças a essa lei do Jango, não é? Então, nesse íterim, em sessenta..., eu me formei...

LM – Em 63.

AK – Em 63. Assim que eu me...

LM – Essa lei...

AK – É.

LM - A senhora descobriu em 64.

AK – Isso.

LM – É.

AK – Em 62, quando é que eu fui para Israel? Nesse íterim eu tinha recém formado em no bacharelado e parou aí?

NR – Não, não.

LM – Não, não.

AK – Posso continuar.

LM – Pode continuar.

AK – É, eu tinha terminado o bacharelado, eu estava fazendo a licenciatura, em 63, meados de 63, quando eu tive um contato com um parente...

LM – A senhora foi pra Israel em 63, exatamente.

AK – Quando eu tive um contato...

LM – Logo depois de Paris, não é? (falam ao mesmo tempo)

AK – Quando eu tive um contato com um parente que morava em Israel e que ele era um oficial de uma companhia de navegação e ele veio aqui no Brasil. E eu então, tivemos esse contato, era um primo distante e nós ficamos nos correspondendo e quando foi nisso, ele me convidou para ir visitar Israel. E, obviamente era uma oportunidade muito grande...E eu tinha

um tio, irmão de mamãe, que morava na Suíça, trabalhava na embaixada do Brasil na Suíça. Então, era uma chance que eu tinha de visitar meu tio, visitar, enfim. Então eu pedi uma licença aqui e fiz, a minha finalidade era fazer um estágio em Israel, entendeu? Aproveitar para fazer um estágio em Israel.

LM – É.

AK – E minha, com o professor Witemberg que era um grande helmintologista que trabalhava lá na Universidade de Jerusalém. Bom, então eu escrevi para ele, consegui, não é, eu sabia que tinha esse contato, não é, disse que eu ia e tudo e consegui. Nesse ínterim, eu consegui também através do Itamaraty, uma bolsa para que me ajudasse, uma ajuda de custo, não é, já que eu ia oficialmente e aqui na época eu consegui com o diretor também uma licença e através do CNPq para que a bolsa continuasse sendo dada lá, que eu ainda era em 63, nós ainda éramos bolsistas. Consegui essa licença e fui para fazer esse estágio em Israel. Na ida eu aproveitei e quando eu comprei a passagem, que eu fui tudo por conta própria, não é, comprei a passagem e quando eu cheguei, o avião parava em Paris, era uma das escalas e que eu só ia trocar de avião em Paris. Mas, eu, foi uma chance de estar em Paris, não é ...

LM – É. (risos)

AK - A gente não tem sempre. Então, eu ia passar só o sábado e domingo em Paris, só o fim de semana. Mas, quando eu cheguei em Paris, eu fui querer visitar o Museu de História Natural...

LM – Natural.

AK – Que eu conhecia todos os pesquisadores, não é, e tudo, famosos, nome, então eu ah... eu consegui, ficar, trocar a passagem para ficar uma semana, porque o Museu estava fechado e os pesquisadores não estavam. Então, eu resolvi (ruído) ficar uma semana. Consegui um hotel muito baratinho. A primeira noite eu fiquei num hotel que um senhor com quem eu sentei no avião do lado me indicou e que ele ia para esse hotel, então eu aproveitei o táxi, porque eu saí daqui com o dinheiro contadinho (vozes ao fundo). Saí daqui com 300 dólares, era toda a minha fortuna e fui. A primeira noite eu fiquei nesse hotel, mas como eu vi que eu queria passar a semana, saí e fui bater de porta em porta para conseguir um hotel mais baratinho e vi lá na Rue Saint Honoré, hotel. Entrei, o hotel era muito barato, quando eu voltei, que depois eu contei o hotel que eu fiquei, o preço que era, me disseram que esse era um hotel de alta rotatividade, na Rue... (risos), na Rue Saint Honoré por esse preço...

MR – É.

LM – Aí, que horror, gente.

AK – Era um hotel de alta rotatividade. Mas, tudo bem...

LM – Tudo bem.

AK – Nessas alturas, eu só soube disso felizmente quando eu saí do hotel (risos). Porque não deu para ver nada. Bom, aí segunda-feira eu liguei, não é, pra... Eu telefonei para o Museu, me...

LM – Identificou, não é?

AK – Identifiquei como assistente do professor Lauro Travassos. Mas, na realidade, eu já tinha também já escrito, não é, pensando que eu ia ter chance de conhecê-los. Eu já tinha escrito para o professor Chabaud, para o professor Dollfus e eles estavam na realidade, que eu dizia assim: que eu trabalhava para o professor Lauro Travassos e aqui nós temos o título, não é, quando você termina uma faculdade de Filosofia, você tem título de professora, está certo? Então, meu cartãozinho era de professora Anna Kohn. Só que na Europa, o professor é o *professor*, diferente do *teacher*, não é? Aqui, na realidade, nós somos somente o *teacher*, mas o título é o mesmo para professor que dá aula em primário e *professor* que dá de faculdade. Nós não temos essa distinção. Então quando eu cheguei lá, que eles sabiam que o *professor* Anna Kohn ia chegar (risos)... (PAUSA NA GRAVAÇÃO)

Fita 1 – Lado B

AK – Já está gravando?

LM – Já. (risos)

AK – Bom, em síntese. Então, quando eu de fato, eu cheguei no sábado, então eu vi que a Universidade, o Museu estava fechado. Então, na segunda eu me comuniquei com o Museu e disse. Então, eles estavam esperando a *professor* Anna Kohn. Quando eu cheguei lá, eles ficaram, acho que muito desapontados, porque, não é?

LM – Natural...

AK – Eu tinha a essas alturas...

LM – Essa sua idade, essa sua estatura... (ri)

AK – Vinte e três anos, não é? Eu tinha vinte e três anos, eles estavam imaginando alguém muito mais velho. Me perguntaram como é que com aquela idade eu podia ser *professor*. (risos). Então eu tive que explicar que eu não era *professor*, eu era *teacher*, mas é que o nosso título aqui é...

LM – É a mesma coisa, é.

AK – É a mesma coisa. Bom, em síntese, fui recebida, mas na realidade, o professor Lauro Travassos lá fora era como equiparando ao conhecimento de um Pelé, entendeu?...

LM – Nossa, que mara...

AK – Dentro da universidade. Então, o professor Lauro Travassos, eles me receberam assim, que vocês não podem imaginar.

LM – Que beleza, não é?

AK – Travassos tinha um nome muito grande lá fora.

LM – Abria muitas portas?

AK – Abria muitas portas. Então eu fui recebida com muito carinho, entendeu, foi uma coisa assim fantástica. Eu durante o dia eu fiquei, aproveitei, eu estagiava lá, aproveitei para ver material tipo que eu estava interessada, de copiar bibliografia e tudo e à tarde, e na parte da tarde, o professor Chabaud que era, vamos dizer, o mais jovem, não é, quer dizer, bem mais velho do que eu, mas já era, vamos dizer assim, era da faixa do Teixeira de Freitas e tinha o professor Dollfus, que era na faixa do Travassos. Então, eles iam, iam me passar, me mostrar Paris, enfim. E à noite Dollfus me levava pra passear também. Fizeram um jantar em minha homenagem, enfim, foi uma semana mesmo maravilhosa...

LM – Imagino.

AK – E que eu aproveitei muito dentro da universidade e ainda, vamos dizer assim, como uma “Cinderela”, sendo recebida.

LM – Risos.

AK – Não é, de uma maneira incrível.

LM – Que bom, não é?

AK – É. Bom, isso eu já tinha estado na Suíça, tinha estado com o meu tio, não é, depois passei na Itália, de Paris passei à Itália, fui visitar, enfim, aproveitei. Já que eu estava indo...

LM – Lógico.

AK – Por conta própria, para visitar a família. E de lá eu fui para Israel. Só que quando eu estava ainda na Itália, eu recebi uma carta, um telegrama de Israel, que o professor Wittemberg com quem, cujo o laboratório, eu ia trabalhar, ele estava vindo pro Brasil. Você imagina, para um congresso que tinha aqui no Brasil, de Doenças Tropicais. E tanto que eu até fiz o contato com ele, convidei para ir, ele ficou, o pesquisador em todo mundo ganhava pouco, então minha mãe hospedou, eu fiz o contato e ele ficou na minha casa, não é? Então, eu mal cheguei em Israel, ele estava vindo para cá, mas ele me apresentou ao professor Ilan Paperna, quer dizer, professor hoje, na época...

LM – Ilan Paperna?

AK – O Dr. Ilan Paperna, que trabalhava com parasitos de peixe. E eu então, fui trabalhar com o Paperna, em parasitos de peixe. Na época, estava havendo um problema, que os kibutz, que são aquelas, vocês sabem o que são kibutz?

LM – Hum, hum.

AK – Eles, num dos kibutz eles criavam peixes, criavam carpas, não é, com finalidades de criação, não é? industrial, econômica. E estava havendo uma mortandade dos alevinos, estava tendo uma mortandade muito grande. Então, eles levaram esses alevinos para a universidade e o Paperna então me convidou para trabalhar com ele nesse problema. E nós fizemos o trabalho, na realidade eram helmintos, não é, da classe monogênea, eram uns parasitos monogêneos, que estavam nas brânquias junto com protozoário tricodina. Então eram dois tipos de parasitos que estavam dando nas brânquias dos alevinos e matava tudo, não é? Então nós descobrimos o problema, estudamos, publicamos esse trabalho e passamos o problema para o laboratório, que no caso de Química que ia ver o remédio para cuidar disso, já não era nosso departamento. Então eu fiz esse trabalho, fiz um outro sobre parasitos de peixes lá do Mediterrâneo e outros parasitos de peixe de aquário. Eu sei que eu fiquei três meses em Israel...

LM – Ah, eu ia perguntar isso...

AK – E nesses três meses trabalhei muito tempo, aproveitando o máximo, e trabalhei com parasitos de peixe, todos monogêneos (...), que são esses parasitos de brânquias, que causam problemas muito sérios para os peixes. Depois de três meses, eu voltei para o Brasil, quer dizer, foi uma coisa muito importante para mim, uma especialização muito grande, já que aqui no Rio não tinha ninguém na época que se dedicava à monogênea, não é? Esse grupo de parasitos, ninguém se dedicava a isso. Bom, voltei e continuei, não é? E logo, pouco depois que eu voltei, depois eu voltei, eu voltei mais ou menos em outubro de 63, em dezembro, em dezembro de 63, conheci meu marido. Quando estava fazendo as últimas provas da faculdade, porque aí eu voltei e concluí, eu fui, consegui, eu era, eu estava fazendo licenciatura...

LM – Isso.

AK – E consegui dispensa das faltas...

LM – Do Estado.

AK – É...

LM – Ah, certo.

AK – Consegui dispensa das faltas, fiz todas as provas e não perdi o ano, entendeu? Então consegui fazer a licenciatura...

LM – Que era no último ano da faculdade, não é, doutora?

AK – Era no último ano, exatamente. Mas consegui dispensa desses três meses, fiz as provas, passei, conheci meu marido, no dia 25 de dezembro, foi o presente...

LM – Ah, foi no Natal!

AK – De Papai Noel. (risos) Foi, foi, foi Papai Noel.

LM – Ele também era da História Natu..., é da História Natural?

AK – Não, não, não. Meu marido felizmente era engenheiro...

LM – Felizmente, é ótimo! (risos)

AK – É claro, porque se ele fosse História Natural, minha filha, eu estava passando fome até hoje.

LM – É (risos).

AK – Não é, felizmente, ele era engenheiro, bastava um se dedicando à ciência, não é?

LM – É verdade (risos).

AK – Dois...

LM – Já está bom...

AK – É, não, não, no Brasil, minha filha, um tem que ganhar a vida e outro trabalha, não é? (risos). É, um ganha dinheiro e outro trabalha, no caso...

LM – Poxa, não fala isso para mim não, doutora, meu marido é professor de Filosofia. Coitada de mim. (risos)

AK – É, bom, então, se prepare a trabalhar, porque, não é ...

LM – Eu sei (risos).

AK – Você que vai ganhar dinheiro e ele é que vai trabalhar.

LM – Imagina, eu, não é? (risos).

AK – Bom, em síntese, aí, casei...

LM – Mas ele estudava na UEG também?

AK – Não, não.

LM – Não?

AK – Conheci ele na praia.

LM – Ah, na praia.

AK – Conheci ele na praia.

LM – Ah, que beleza.

AK – Conheci ele na praia, no dia 25, de Natal, Papai Noel jogou ele ali para mim na prai...

LM – Ah, que bom.

AK – Aí, nós...

LM – A senhora pegou logo (ri).

AK – Agarrei (risos). Eu não peguei, eu agarrei...

LM – É.

AK – Literalmente, não é? (risos) E...

LM – Que bom.

AK – Aí, nós ficamos, fiquei noiva três meses depois, mas seis meses depois eu casei, já estava aqui em Manguinhos, a essas alturas já tinha sido efetivada, não é, já tinha saído a nossa efetivação.

LM – A lei. Isso.

AK – E nesse ínterim eu tinha, nós recebemos uns atrasados, que todo mundo aproveitou e comprou carro e eu paguei a dívida da viagem. Porque o dinheiro que eu levei, a viagem, meu pai, meus pais não tinham condições...

LM – É.

AK – Eu tinha feito um empréstimo, não é? Eu peguei dinheiro emprestado com todo mundo para ter essa possibilidade de viajar, e depois, quando eu então com esse dinheiro, graças a Deus paguei. Fiquei sem carro...

LM – Ótimo.

AK – Mas paguei todas as dívidas, não é?

LM – É (risos).

AK – Paguei as dívidas e me lembro sobrou um dinheirinho que eu comprei uma rádio-vitrola (ruído na gravação)

LM – Ah, é?

AK – Comprei um toca-disco...

LM – Olha.

AK – E uma coleção dos discos do Ray Conniff (risos).

LM – Ah, que barato! (risos)

AK – Foi o que sobrou...

LM – Que ótimo!

AK – Da minha efetivação. Bom, que eu acho que eu tenho até hoje. Só não...

LM – É mesmo?

AK – Tenho o toca-fi..., discos, não é?

LM – Discos.

AK – Mas os discos eu tenho até hoje. Bom, em síntese. Daí foi, não é, eu voltei, só que na realidade eu não continuei com os monogênea, (conversa ao fundo) porque aquilo no laboratório, aí, tinha tanta coisa para se estudar e a gente estudava com parasitos de todos os animais e aí vem uma excursão para cá, outra para lá e eu continuei, comecei com, continuei com os parasitos de peixe em geral. Enfim, aí fui fazendo de tudo, não é? E aí foi, continuei no laboratório, quando foi, isso foi já em 64, fui indo, depois em 1970, foi um ano que marcou muito, porque Travassos faleceu. Nesse ínterim, eu já tinha começado o catálogo de trematódeos? que era o sonho do Travassos e que ele tinha começado a fazer, mas sempre parava, não é? Porque fazia mil outros trabalhos, então, e muita coisa. Então, ele já tinha me convidado já há uns três anos, em sessenta e... eu levei uns dois anos pra fazer esse catálogo. Em 67 ele falou: Anna, você não quer fazer esse catálogo comigo? E eu então comecei a trabalhar nesse catálogo de trematódeos do Brasil e coletando, enfim, trabalhando sozinha. No final já quando o trabalho já estava quase tudo computado, quase tudo pronto, eu estava grávida, quase dando à luz, estava nos finalmente e o Teixeira sempre brincando: você não vai fazer isso, você não vai conseguir publicar, Travassos não conseguiu e tudo e eu, consegui mesmo...

LM – Tinha muito (TI), não é?

AK – É, e não, aquele negócio, que você não pode...

NR – É, é, é.

LM – É.

AK – É aquele estímulo, não é?

LM – Aí, é. (risos)

AK – Aí essas alturas o trabalho já estava todo calculado e eu falei com o Dr. Teixeira: Dr. Teixeira, eu vou dar à luz, será que o senhor não quer dar uma mãozinha, participar do trabalho? É só a parte de agora, de terminar, de arrumar, a parte de taxionomia e tudo. E ele então viu que de fato...

LM – A coisa ia sair?

AK – Aquilo ia sair, o Teixeira entrou, já na parte final do trabalho, mas fez os finalmente mesmo, não é, da arrumação e o trabalho saiu em 69, saiu publicado. Quer dizer, saiu em 70, na realidade, com data de 69, não é, nas memórias, saiu. E..., o Travassos essas alturas, já estava hospitalizado. Ele ficou aqui no hospital, o nosso hospital daqui do Instituto. Inclusive, o nosso técnico, Walter, cuidava dele, fazia massagem nele, ele ficou bastante tempo lá. E ele ainda tinha alguns momentos de lucidez. E eu ainda... Tenho certeza que ele conseguiu ver o catálogo. Porque quando...

LM – Que bom, não é?

AK – O catálogo saiu, eu ia, toda vez que eu ia visitá-lo, eu levava o catálogo, às vezes ele estava dormindo. Mas, numa das vezes, ele abriu os olhos e eu disse: Dr. Travassos, o nosso catálogo saiu. E ele então abraçou aquilo e chorou.

LM – Ah.

AK – Então eu tenho certeza que ele... (chora)

LM – É. (PAUSA NA GRAVAÇÃO). Bem, então...

AK – Quando é que a gente parou. Bom, aí o Travassos ainda chegou a saber do, do, do catálogo que saiu publicado...

LM – Que ficou pronto, não é?

AK – Aquele negócio todo. Tudo bem, é, ficou pronto.

LM – O trabalho de uma vida. (ri)

AK – Em 1970, em 70, então aconteceu que... Foi um ano muito marcante para mim. Eu perdi os três pais. O primeiro morreu, morreu o Teixeira de Freitas, de um acidente de carro. Ele estava indo, ele ia com carro, a condução do Instituto para casa e era um carro antigo (ruído no gravador) e deu uma batida e ele foi, não tinha cinto de segurança naquela época, ele foi jogado longe, quebrou, fraturou a perna e ficou internado com uma fratura de perna, nada além disso e estava muito bem, mas ele tinha úlcera e parece que os médicos não souberam que ele tinha úlcera, não sabiam, deram uma medicação que ele não podia e ele teve uma hemorragia e faleceu.

LM – Que coisa, não é?

AK – Com 56 anos. Se bem, que ele aparentava muito mais. Teixeira faleceu antes do Travassos. Travassos nem chegou a saber...

MR – A saber...

AK – Porque já estava no coma. Depois, faleceu em setembro meu pai, também, com 56 anos. Olha o que é o destino...

MR – Nossa.

LM – Nossa, que coisa.

MR – É.

LM – É.

AK – Com a mesma idade. Meu pai a essa altura já tinha mudado para Israel, já estava lá em Israel e, e em novembro falece o Travassos.

MR – Nossa senhora.

AK – Quer dizer, no mesmo ano...

LM – No mesmo ano...

AK – Faleceram os três, as três pessoas. Então, nessa época, logo depois, foi quando teve a fundação, não é, o Instituto virou Fundação e o primeiro presidente da Fundação foi Oswaldo Cruz Filho e o Dr. Oswaldo me chamou, eu nessa época, eu era, nas *Memórias* {do Instituto Oswaldo Cruz}, como é que se diz? Tomava conta da...

NR – Você era editora?

AK – Era responsável, era editora das memórias...

LM – Editora das memórias do acervo.

AK – Do Instituto Oswaldo Cruz, é. Então, o doutor, professor Oswaldo me chamou, me convidou pra ser assessora dele no Instituto Oswaldo Cruz, assessora técnica e ele ia chamar uma pessoa pra assessorá-lo no Instituto Oswaldo Cruz e outro ia para Fundação. E, eu aceitei o cargo, até confesso, sem ter a mínima idéia de qual era o papel de uma assessora, de assessora técnica. Enfim, não tinha muita idéia do que que era isso. Nessa época, eu já estava chefiando o Departamento, na época, o laboratório de Helminologia. Eu chefiava, mas na época, como ainda era Ministério da Saúde, não é? Assim que o Teixeira morreu, como era Ministério da Saúde, as coisas eram assim de viva voz, não é, não tinha, não tinha assim mui...

LM – Uma formalidade?

AK – Uma formalidade. Eu estava respondendo pelo departamento, eu chefiava o departamento, tanto que eu chefei esse departamento...

LM – Não tinha uma nomeação oficial?

AK – Oficial.

LM – Não é?

AK – Muitas coisas. Então, eu nomeei, eu terminei, eu fiz e chefei isso e até hoje eu não ganho a gratificação de chefia.

MR – Ah...

LM – Hum...

AK – Entendeu, e chefei isso muitos anos e não consegui essa gratificação. Bom, são o azar (sic) de cada um...

LM – Os revezes, não é? (risos)

AK – Então, o Dr. Oswaldo me convidou e eu ia ficar só na assessoria do Instituto, mas depois ele acabou que me deixou na assessoria da presidência da Fundação, porque eu acho que eu resolvia, o Instituto era pequeno, de fato, nisso teve a cassação, não é, tinha tido a história da cassação, houve a história da cassação que foi um drama aqui dentro, e, enfim, eu fiquei assessorando o Dr. Oswaldo Cruz na presidência da Fundação e continuando aqui, ainda, com os meus trabalhos de pesquisa. Fiquei durante dois anos, depois de dois anos, quando o Dr. Oswaldo passou o cargo, eu pedi demissão, entendeu. Apesar de que o outro presidente queria que eu continuasse, mas eu não quis continuar, porque eu queria continuar na pesquisa. Então, pedi demissão do cargo da assessoria, continuei no laboratório, não é, sendo que nessa época, foi quando acabou, quando se formou a Fundação, os órgãos do DNERu, INERu, foram terminando. E eu na assessoria, eu conheci Míriam Tandler. Nessa

época, eu estava, o professor Rocha Lagoa, que era o Ministro, não é, veio o primeiro presidente, o Oswaldo Cruz saiu e veio o professor Vinícius da Fonseca.

LM – Vinícius da Fonseca.

AK – Não é, que foi o outro presidente, foi o primeiro presidente de fora, não é, dentro aqui da Fundação Oswaldo Cruz. E, então, houve aquela questão de passar todo mundo para a Fundação ou CLT, enfim. Então, todos que eram do Instituto, não é, tinham direito de ficar na Fundação, mas como celetistas, não é, na lei CLT. E muita gente, o pessoal mais antigo não queria. Eles tinham medo porque como estatutário você tinha direito a uma aposentadoria integral.

LM – Certo.

AK – E o CLT não tinha. Então a turma que já estava com pouco tempo para se aposentar não queria. Ficou com medo. Então muitos não aceitaram isso. E eu e outros, que éramos da turma mais nova, nós só tínhamos 10 anos, vamos dizer assim, menos de 10 anos, isso foi em 72, 10 anos de casa, a minha dúvida era outra. Era o seguinte: eu sempre fiz pesquisa nesses anos, e eu tive outros convites. Eu teria outros lugares para trabalhar...

MR – Claro.

AK – Na minha pesquisa. E meu medo foi que se eu passasse para CLT eles amanhã ou depois, eles resolvessem me botar pra fazer vacina, ou fazer um trabalho de rotina que não, eu não estudei a vida toda para isso, não é? Então, eu não quis também. Eu, o José Jurberg e outros enfim, resolvemos não aceitar e eu fui com essa turma, porque eu não queria largar a pesquisa, achamos que nós devíamos continuar. Então, teve aquela turminha dos mais antigos, por causa da pesquisa, do seu nome que já estava feito e da aposentadoria. E eu, o José e outros com medo que a gente não pudesse continuar com as pesquisas que gente já estava, já tinha iniciado. Então, que que aconteceu? Dessa turma que não optou para passar para a lei trabalhista, alguns foram escolhidos pra continuar na Fundação, porque só podia continuar na Fundação quem fosse CLT. Mas o Vinícius conseguiu com o ministro, que uma turma que ele escolheu, continuasse.

MR – Continuasse.

AK – E o...

LM – Como estatutário?

AK – Como estatutário na Fundação.

LM – Certo.

AK – Recebendo pelo Ministério e os demais, todos foram transferidos. Foram devolvidos ao Ministério da Saúde e aí foram encaminhados...

LM – E a partir daí alocados para outros lugares?

AK – É, a maior parte foi (alguém fala junto) pro Hospital do Câncer até...

LM – Nossa, que horror!

AK – A maioria foi para o Hospital do Câncer. Bom, eu então fui chamada pelo Vinícius que me perguntou porquê que eu não tinha optado e eu expliquei. Porque eu tinha feito já uma pesquisa, dez anos trabalhando, um número grande de trabalhos publicados e eu não queria abandonar a minha pesquisa. Nesse ínterim, inclusive, aí eu já estava, eu estava fazendo também um trabalho com o *Schistosoma mansoni*, está. Nisso, o Vinícius disse, me convidou para continuar. Eu fui uma das convidadas pra continuar como estatutária, trabalhando na Fundação, mas só que ele queria que eu trabalhasse em alguma coisa mais ligada à Saúde Pública, não é, à Medicina, porque a Fundação era uma fundação ligada ao Ministério da Saúde e, e ele estava com o primeiro, ele botou como diretor do Instituto o professor Lobato Paraense, que aí é uma outra história e, enfim. Nessa época, como eu já estava trabalhando com o *Schistosoma* e *Schistosoma* é trematódeo, e que era a minha especialidade, eu sempre trabalhei com trematódeo. Eu digo: tudo bem. E eu tive por coincidência, um convite do professor Naftale Katz que conheceu o meu trabalho de morfologia de *Schistosoma* e, ele então me pediu se pudesse, que ele queria que se eu podia um tra..., colaborasse com ele no estudo da..., da ação de drogas sob o *Schistosoma*. Porque de uma maneira geral, o pessoal que trabalha com o *Schistosoma*, trabalha com as drogas, mas conhece pouco sobre a morfologia do verme. Então, eles estudam a parte do doente, o que que causa no doente, mas não estudam a causa no verme. Nesse ínterim, eu conheci Míriam Tandler que já trabalhava esquistossomose, imunologia. Então a Míriam, nós nos associamos e a Míriam veio trabalhar no meu laboratório, quer dizer, junto comigo. Então, nós, essas alturas, como eu tinha o prédio, o antigo biotério, o biotério velho, na época que eu ainda era assessora ainda, foi porque quando a Míriam veio, foi exatamente aquela época que o INERU estava acabando, tudo isso e a Míriam ia, vinha pra cá, não é? Então eu chamei ela pra vir pra cá e o biotério velho, nós então conseguimos uma verba e conseguimos reformar.

LM – Restaurar.

AK – Restaurar uma parte, uma parte do biotério velho e montamos lá, iniciamos lá o laboratório, a parte experimental. Porque nós íamos utilizar a mesma infra-estrutura, ou seja, criação de caramujos e de camundongos. Depois, então, essa parte aqui desse andar estava abandonada, porque era aonde tinha Fisiologia e todos tinham sido cassados...

LM – Aí...

AK – Isso estava abandonado e o biotério velho estava com muitos problemas de infiltração e tudo, então nós consertamos essa parte daqui.

LM – Reformaram, não é?

AK – Reformamos essa daqui e nós viemos.

LM – Ocuparam.

AK – Ocupamos essa parte daqui, então eu e a Míriam viemos pra cá, que eu anteriormente trabalhava aqui em cima, não é? Minha sala era aqui em cima, com o *Schistosoma* nós ficamos usando aquela parte como, só para o biotério e depois, então, montamos aqui em baixo. Eu montei com a Míriam a parte de moluscário, o biotério, tudo aqui. Eu com a Morfologia e a Míriam com a Imunologia. Bom, nesse ínterim, exatamente, a Helmintologia estava passando por um problema de crise, porque o Lobato queria acabar com a nossa Helmintologia, queria acabar com a coleção, queria levar essa coleção para o Museu Nacional, dizendo que aqui não era de coleção, aqui não se estudava o uso de pesquisa básica, era só aplicada. Apesar de que os trabalhos do professor Lobato sempre foram de pesquisa básica.

MR – Básica.

AK - Básica também não é, mas...

LM – Pois é.

AK – Enfim, são outros, sem comentários...

LM – É.

NR – Risos.

AK – E nós. É, porque está sendo gravado. E nós então, nisso, quando o Lobato saiu, o professor, veio o professor Coura, não é? Quando o Coura veio, o Coura disse “Não, não eu acho que o caso não é acabar com as coisas que produzem aqui no Instituto.” E o nosso departamento, o laboratório de Helmintologia, sempre foi um dos mais produtores, aqui, no Instituto. Sempre publicou muito, nós sempre tivemos um dos níveis mais altos de produção, de trabalhos publicados. E o Coura disse não. O negócio é continuar, é criar novos e, não, acabar com os que já existem...

AK – E criar novos. E deu uma margem, quer dizer, a Helmintologia obviamente nunca parou. Sempre houve aquela dificuldade, a má vontade do Lobato. Queria até mandar muita gente embora, ele inventou provas, inventou uma série de coisas, que essa história vocês conhecem de outros lados, não sou eu que vou contar. Quis mandar muita gente embora, inclusive influenciou o Morel quando veio para cá. O Morel quase que meteu os pés pelas mãos dando forças ao Lobato de mandar gente para fora. Inclusive a Dyrce, não é, na época. Enfim, histórias infelizmente tristes desse Instituto. Bom, o Coura veio, felizmente, deu uma grande melhorada para o nosso Instituto e, foi quando, na realidade, eu já estava trabalhando só com o *Schistosoma*, mas o que eu gostava era com a taxionomia e dos parasitos de peixe e na época eu já estava trabalhando *Schistosoma* em ação de drogas, que eu publiquei vários trabalhos, mas chegou um ponto que para eu continuar esses trabalhos eu necessitava de

microscopia eletrônica e que era. Eu consegui, inclusive, foi na minha, durante a época que eu era assessora do Dr. Oswaldo, foi que nós conseguimos da Alemanha o primeiro microscópio eletrônico, foi doado pela Alemanha aqui para o Instituto. Mas era muita gente para pouco microscópio, não é. (risos). E eu exatamente para conseguir as coisas, pra conseguir fazer os trabalhos de varredura, pra conseguir fazer os trabalhos de transmissão, eu tinha que conseguir a, ajuda, não é? E consegui ajuda lá do Fundão, enfim, da COPPE e de vários pesquisadores. Mas, era muito, olha, era um esforço muito grande, não é? Além do que, quando o Coura aventou essa hipótese de abrir novamente para helmintos e taxionomia de animais, e taxionomia de pesquisa básica, eu tive aquela chance e eu vi o seguinte: que as duas coisas eram impossíveis. Eu tive que parar na época de orientar os trabalhos, de continuar com trabalhos de helmintos parasitos de peixes e outros animais, porque fazer as duas coisas era impossível, não é? A bibliografia é muito grande, ou bem eu fazia uma coisa, ou bem eu fazia a outra. Então, eu tive que escolher. E, na realidade, havia duas coisas. Primeiro, havia também o aspecto, sentimental e moral. Eu fui preparada pelo Travassos e pelo Teixeira pra fazer taxionomia de helmintos, não é? Esquistossomose tem dez milhões de doentes que sofrem de esquistossomose, nove milhões de pesquisadores trabalham com esquistossomose (risos), quer dizer, tem muita gente que trabalha com esquistossomose.

LM – Uma....

AK – E no Brasil, muito pouca gente trabalhando com parasitos de peixe, não é? Então, é o que eu gostava, é o que eu fui preparada.

LM – Desde o início ele falou, não é ...

AK – É...

LM – Para a senhora que era...

AK – E é o que eu tinha, eu me sentia assim, obrigação de continuar com a escola de Travassos, que era a escola de parasitos, de taxionomia de helmintos, entende? Dele e do Teixeira e eu sentia aquela obrigação de dar continuidade à escola de Travassos. E foi nessa época então, que eu larguei a esquistossomose, quer dizer, nunca larguei porque eu até hoje, quando, volta e meia, o Naftale quando precisa da minha colaboração, ele sabe que pode continuar, contar comigo, eu volta e meia continuo publicando, o ano passado, dois anos atrás, saiu mais um trabalhinho. Quando, ele sabe, quando precisa da minha ajuda...

NR – Colaboração.

AK – Da minha colaboração, eu dou, com todo prazer. Então foi aí que nós continuamos, não é? E quando foi em 90... Mas nós trabalhávamos todos, era um laboratório só, não é? Quer dizer, dentro do departamento de helmintologia, nós tínhamos a parte de taxionomia, não é, geral, e helmintos e parasitos vertebrados e tinha parte de mono..., de esquistossomose. Então, era o laboratório com helmintos de vertebrados e esquistossomose, que era da Míriam, não é? Quando foi em 91 o... a Fundação fez aquele credenciamento de laboratórios, porque na realidade, muita gente, tinha, vamos dizer assim, muitos pesquisadores que trabalhavam

em seus laboratórios, se denominavam como laboratórios. Então, resolveram arrumar a casa. Então, resolveram credenciar, na realidade, os laboratórios, não é? Nós apresentamos cada laboratório, não é, cada departamento apresentou seus grupos de trabalho, sua produção, e nessa época, então, foi, eu fiquei muito surpresa, porque esse grupo que resolvia esse credenciamento, que fazia o credenciamento dos laboratórios, sugeriu, porque eu nunca pedi isso, nem nunca me passou pela cabeça. Eles que sugeriram que separasse do meu grupo, porque existia, na prática, assim, eu tinha o meu grupo que eu formei, não é? Eu formei doutora Berenice, eu formei a Fátima, eu já tinha um grupo que começou comigo como estagiária e que eu fui formando e que trabalhava comigo. Então, dentro de todo laboratório, existia esse meu grupinho de trabalho, que é óbvio, você trabalha com as pessoas que você preparou. Então, eles acharam que era um grupo que poderia ser independente. Então eles sugeriram que esse grupo fosse diferenciado e fosse criado o laboratório que eles denominaram de Laboratório de Helminhos Parasitos de Peixe e que fosse separado do Laboratório Geral de Parasitos de Vertebrados. Tudo bem. Isso, talvez, há uma vantagem mais talvez administrativa, que grupos menores, você, porque havia até a divisão física, não é? O meu laboratório era aqui embaixo, os outros trabalhavam lá em cima. Então, na prática havia uma divisão de espaço físico, não é? Bom, eu não pude recusar, me senti até muito gratificante, deles reconhecerem nisso um grupo de uma orientação de uma chefia, enfim. E aí foi criado em 91 esse laboratório, está? E que eu chefiar até então. Logo nessa época também, foi quando saiu então aquela história da aposentadoria, que nós voltamos a ser estatutário.

LM – É, é.

AK – Entende?

LM – Foi com o governo Collor, não é?

AK – E com isso. É...

LM – Em 90.

AK – Se, voltamos a ser estatutários e com isso veio a possibilidade da gente se aposentar, não é? E, nós tínhamos, quer dizer, eu não pensei em parar na época e nem pretendia. Mas, já tinha os trinta anos feitos, mas eu soube pela, através do Hermann e da Monika Schatzmayr, muito amigos nossos, não é, muito meus amigos, que o Collor pretendia fazer uma lei acabando com a aposentadoria integral E a Monika me avisou, disse: olha, Anna, vão, o Hermann acabou de chegar de Brasília e soube que o Collor vai sair com essa lei imediatamente e a Monika disse: eu vou pedir a minha aposentadoria amanhã, porque eu não vou perder essa chance. Aí eu conversei com o Naftale, que era muito amigo meu, que também chefiava o René Rachou, que tinha estado em Brasília, ele disse a mesma coisa. Ele disse: Anna, eu só não peço, porque eu não tenho tempo.

LM – Caramba.

AK – Ora, essas alturas, eu também.

NR – É.

AK – Se a esposa do presidente da Fundação...

NR – É.

AK – Hermann era o presidente da Fundação.

NR – É.

AK – ...Está pedindo aposentadoria, não vou perder i...

(PAUSA NA GRAVAÇÃO)

Data: 05/07/2000

Fita 2 – Lado A

LM – Entrevista com a professora Anna Kohn Hoineff, Projeto Coleções Científicas, fita número 2, 2ª entrevista. (pausa na gravação). Hoje é dia 5 de julho do ano 2000. (pausa na gravação). Entrevistadoras, Laurinda Rosa Maciel e Nathacha Regazzini Bianchi Reis (pausa na gravação).

AK – Não me lembro mais onde a gente parou (voz ao fundo).

LM – Bom, doutora Anna Kohn, bom dia.

AK – Bom dia.

LM – Nessa nossa segunda entrevista, eu queria, assim, que fosse uma coisa mais pontual em cima de alguns aspectos da vida profissional (vozes ao fundo) e acadêmica, não é, da senhora. Por quê? Da, na outra entrevista a senhora foi bastante, até teceu para a gente, não é, Nathacha, com bastante detalhes a sua vida profissional, como é que foi a sua inserção aqui na FIOCRUZ e tudo mais, não é? Então, eu acho que esse aspecto já está, está super bom o que a gente tem, não é? Então, hoje eu queria que a senhora centrasse assim, um pouco mais em, em dois aspectos, não é, da especialização, como profissional da senhora, do seu Mestrado e do seu Doutorado. Onde é que foi? Como é que foi? Quem orientou? Se aí a senhora já estava...

AK – É.

LM – Com os parasitos de peixe?

AK – Isso.

LM – Enfim.

AK – Então.

LM – E a partir daí...

AK- É. Está certo. Então, (ruído) para começar... É muito engraçado, mas eu não tenho nem mestrado, nem doutorado formais.

LM – Ah, não?

AK – Não. Porque quando eu me formei...

LM – Ué, mas...

AK – É, então o que aconteceu é o seguinte: quando eu terminei, eu fui, tive uma viagem, aproveitei uma viagem para o exterior e fiz um curso de especialização e fiz, trabalhei em Israel. Certo?

LM – Certo.

AK – E fiz, também, um curso em Paris. Aproveitei no laboratório do Chabaud e do Dollfus (ruído). Muito bem. Quando eu voltei, não tinha ainda, foi, criaram o primeiro curso de mestrado em Zoologia da UFRJ, no Museu Nacional. Então, eles me convidaram pra fazer parte do corpo docente...

LM – Certo.

AK – Ou seja, para ser a professora do curso de mestrado em Zoologia, está?

NR – Hum.

AK – Então, foi baseado no currículo, saiu... Eu fui credenciada...

LM – Certo.

AK – Pelo Conselho Federal de Educação, está? Como docente do curso de mestrado da UFRJ, está?

LM – Certo.

AK – E passei a dar o curso. Então, foi uma coisa muito engraçada. Se eu já fui credenciada para ser docente, não justificava eu...

LM – Cursar, obviamente.

AK – Cursar, porque eu era professora. Então, os meus colegas foram ser os meus alunos (risos), está? E eu dei o curso, o primeiro curso de mestrado e continuei dando por vários anos. Na época, não havia aqui na instituição, como aqui só era ligado à pesquisa e não tinha o vínculo, como tem universidade...

LM – Certo.

AK – Que você tinha que ter essa titulação...

LM – Isso.

AK – Não é? Aqui...

LM – Porque isso é uma coisa mais recente, não é?

AK – Isso. Aqui não tinha. Primeiro, eu já tinha o curso de especialização daqui do Instituto. Que isso eu já comentei com você...

LM – Já, já.

AK – Que eu tirei o primeiro lugar e tal. Então o curso de especialização. Então, exatamente, baseado nisso e já nas minhas publicações...

LM – Certo.

AK – Eles então...

LM – É, que são muitas, não é?

AK – Isso. Aí então, eu entrei...

LM – É que é uma grande produção.

AK – Como, como docente...

LM – Certo...

AK – Do primeiro curso de mestrado e aí não tinha porquê, no momento que ele já, e que deram uma equivalência.

LM – Certo.

AK – Aí, ao mesmo tempo, no CNPq eu fui, minhas bolsas foram subindo e tudo que teoricamente para um professor de universidade necessitaria, de Livre Docência, etc., eles davam como equivalência...

LM – Isso.

AK – Então...

LM – Hum, hum.

AK – Nunca eu precisei, nunca pensei nisso.

LM – Hum, hum.

AK – Mesmo porque, teoricamente, na prática, não é, um curso de mestrado, nada mais é para quem termina uma, um...

LM – Uma especia...

AK – Uma graduação...

LM – É.

AK – Então, é um primeiro contato com a pesquisa, não é? Então é uma maneira de você fazer uma especialização e pronto. Tchau. Então, é uma maneira de você dar uma continuidade e um aprimoramento ao seu, a sua graduação...

LM – Exatamente.

AK – E ter primeiro o mestrado. Então isso eu já tinha, já era docente e aí fui. Depois, não se falava naquela época, ninguém tinha a necessidade do doutorado...

LM – Ah.

AK – Era uma coisa que não existia. Enfim, nunca houve essa necessidade. Depois, a minha bolsa do CNPq foi subindo e eu fui tendo o título de equivalente A...

LM – Certo.

AK – E fui tendo as bolsas e tudo. E aqui no Instituto, e aí, sim, quando nós passamos para, quando o Instituto virou Fundação, não é...

LM – Na década de 70, não é?

NR – 70.

AK – Isso, e nós tivemos então aquela primeira opção...

LM – Que a senhora comentou da outra vez.

AK – Isso, eu disse para vocês que eu não optei, mas depois...

LM – Isso.

AK – Mas, depois, eu acabei, teve essa segunda opção...

LM – Isso.

AK – Então, teve uma avaliação, certo? Então, nessa avaliação, eu tive equivalência e fui...

LM – Certo.

AK – Passei para a Fundação, fui aceita. Então, todos que passaram entraram direto como pesquisadores..., eu acho que associados...

LM – Certo.

AK – De acordo com a, com o titulação(sic). E depois, então, teve a chance de passar para titular. Então, para saber se tinha titular, nós tivemos que fazer uma, teve uma avaliação. Com uma comissão de especialistas, não só da instituição, mas de fora da instituição e que nós fizemos um memorial, não é, e apresentamos além do currículo, um memorial para passar para ...

LM – Titular.

AK – Para ser titular, não é? Então, foi uma avaliação, enfim, tudo aquilo que a gente tinha direito e eu então eu passei com esse meu memorial e essa minha avaliação de títulos, passei para titular. Então, do momento que eu era titular, isso era equivalente ao doutorado...

LM – Entendi.

AK – Entende? Então, porque não justificava a essa altura do campeonato, eu com mais de 100...

LM – Não...

AK – Trabalhos...

LM – Absurdo, é lógico.

AK – Eu parar para fazer um doutorado, quando eu já era orientadora de doutorado...

LM – Isso.

AK – Nesse ínterim, não é? Então eu já tinha orientado as teses, aí. No Museu Nacional, a primeira tese de mestrado do Museu Nacional, em Zoologia, fui eu...

LM – Ah, foi a senhora que orientou?

AK – Orientadora da primeira tese, está?

LM – Que legal.

AK – E daí eu continuei orientando outras teses de mestrado e, também, de doutorado. Depois, na época, até me mandaram de fora, eu participei de uma banca examinadora de doutorado de uma tese da Índia.

LM – Hum...

AK – Que me mandaram de fora, enfim. Então, tudo isso...

LM – Claro.

AK – São equivalências.

LM – Lógico, lógico.

AK – Que não justificava eu parar toda minha produção e orientação...

LM – Lógico.

AK – Para ficar estudando...

LM – Hum, hum. Não fazia sentido.

AK – E fazer créditos, parará.

LM – Claro.

AK – Muito bem. Então, nunca houve essa necessidade nem a nível de subida aqui na carreira, nem a nível financeiro.

LM – Certo.

AK – Então, não tinha porquê, e aí, foi, muito bem. Quando foi em 91, não é, que houve, que nós passamos novamente...

LM – RJU.

AK – A estatutários...

LM – É, o Regime Jurídico Único.

AK – Isso, então eu falei para vocês que eu me aposentei...

LM – Isso.

AK – Conteí porquê, por causa do boato do Collor, de que iam acabar com a aposentadoria integral. Eu também me aposentei seguindo conselhos de, da Monika e do, do Hermann Schatzmayr, me aposentei e já estava em final de carreira, titular, última letra, não é, etc. A essas alturas, no CNPq eu também já era pesquisadora, nível 1A...

LM – Isso.

AK – Eu já tinha, com todas equivalências, tudo bem. Só, o que que aconteceu. O que veio me prejudicar, hoje em dia, foi que como eu não parei, eu continuei na ativa, certo? Três anos depois de eu já aposentada, eu acho que foi na época do Vinícius, sobre uma forma, como o

pesquisador não tinha como melhorar o salário, eles criaram, na época a gratificação para doutorado, não é? Era, era acho que era trinta e..., 70%...

LM – 70% para doutorado, 35, pra Mestre, é.

AK – ...70% para doutorado, 35, para mestrado. Então, a essas alturas, eles não aceitaram a equivalência...

LM – Ah....

AK – Que eu teria direito pelos...

LM – Isso.

AK – ...pelos títulos e por ter sido já julgada...

LM – Claro, claro, claro.

AK – Por todas essas coisas. Eles não aceitaram, considerando que isso abriria uma brecha...

NR – Precedentes.

LM – Ah...

AK – Ou precedentes para outros que não tivessem...

LM – Não tivessem...

AK – Uma equivalência mesmo justa, enfim, aquele blá-blá-blá. Com isso, eu vim a ser prejudicada. Eu até pensei de então fazer meu doutorado. Então cheguei até propor, falei com Dr. Rey, fiz um projeto rapidinho, e para fazer uma tese de doutorado para mim é muito fácil...

LM – Claro.

AK – Já que eu faço várias para os meus alu...

LM – E já orientou várias.

NR – Já orientou tantas. (ri)

AK – Não, eu, eu oriento fazendo...

LM – Imagina, pois é.

AK – Inclusive várias, então tudo bem. E cheguei até a dar entrada...

LM – A senhora ia tirar de letra.

AK – Cheguei a dar entrada, mas depois que eu dei entrada, eu simplesmente soube que: eu teria que parar de orientar as que eu estava orientando, que estavam no meio e segundo, para ter validade, para eu receber a gratificação, eu teria que ser contratada novamente como pesquisadora...

LM – É mesmo?

AK – Porque não era retroativo...

NR – Ah.

AK – Eu teria que ser contratada e começar contar de novo os 30 anos para quando, então eu me aposentasse (ri), aquilo tivesse validade...

LM – Nossa, sem chance, não é?

AK – Aí eu fiz as contas...

LM – Imagina.

AK – Não é, na época, vamos dizer assim, eu tinha quase 60, com mais 30, noventa e pouco (risos), eu acho que de repente...

LM – Não...

AK – Eu não chegaria lá, não é.

LM – Não seria um bom negócio, não.

NR – Sem condições.

AK – Não valeria à pena.

LM – Não.

AK – Então, eu, não teve condições...

LM – Claro.

NR – Difícil.

AK – De eu poder, começar tudo de novo, então, vim a ser prejudicada por isso.

LM – É.

AK – E que eu não fiz na época, simplesmente porque não tinha o porquê...

LM – Dividir.

AK – de ser feito...

LM – Lógico, lógico.

AK – Entende? Eu poderia ter feito com a maior coisa. Mas, na época eu não tinha interesse de largar toda uma produção científica de laboratório, para fazer um curso que só viria a trazer lucros para mim. Que era só mais um título...

LM – Exatamente.

AK – Título esse que eu não tinha necessidade, não é, mas que depois...

NR – Teria que abrir mão dos orientandos, não é?

AK – É...

LM – É.

AK – Entendeu, de tudo isso. Mas, hoje eu me arrependo, porque se eu tivesse pensado...

LM – É.

AK - Um pouquinho em mim...

LM – Ah, mas a gente não pode...

AK – Eu estaria recebendo mais 70%, entendeu? Que é uma senhora diferença...

LM – Que dá uma boa diferença.

AK – Mas...

LM – Mas...

AK – A gente não pode adivinhar.

LM – Infelizmente não dá para ter tudo...

AK – Então. Exatamente.

LM – E não dá pra adivinhar, não é, doutora?

AK – Então eu não tenho formal...

LM – Isso é chato, não é.

AK – Eu tenho as equivalências...

LM – Isso.

AK – Que para mim eu fiz todas as outras. Fiz todo o meu pessoal fazer o doutorado, todo pessoal que eu orientei, que começou comigo do be-a-bá, não é? Todas começaram comigo como estagiárias e eu fiz o mestrado com elas. Fiz o doutorado com elas e estão todas já com os títulos, e...

LM – E...

AK – Formal eu não tenho.

LM – A senhora trabalhou então, no Museu Nacional e aqui no Museu...

AK – Não, não.

LM – Não.

AK – No Museu Nacional, não. Eu sempre trabalhei aqui. Eu lá, eu simplesmente...

LM – Ah...

AK – Eu dava o curso de pós-graduação.

LM – Era professora.

NR – Mas não era vinculada?

AK – É, é, não, não, não, não. Eu simplesmente...

LM – Não era vinculada.

AK – Era cedida...

LM – Ah, cedida daqui para...

AK – Cedida pelo Instituto.

LM – Certo, certo.

AK – Inclusive eu dava as aulas aqui no laboratório.

LM – Ah, entendi.

AK – O curso era dado no meu laboratório...

LM – Certo.

AK – Porque era a parte prática, não é, como matéria lá deles da especialização...

LM – Certo.

AK – Em Helminologia, entendeu?

LM – Está. E, hoje a senhora ainda dá aula aqui nos cursos do IOC?

AK – É.

LM – Mais ou menos. (ri)

AK – Mais ou menos, não é? De vez em quando, agora eu já boto um pessoal para ir. Eu já ajudei muito lá...

LM – Já formou uma escola, não é.

AK – Na UFRJ. Pois é, entendeu? Agora não tanto...

LM – Sei.

AK – Entende?

LM – Está. Então, essas atividades assim mais didáticas, não é...

AK – Certo.

LM – Da senhora hoje, está...

AK – É, na parte só da orientação...

LM – Meio arrefecida.

AK – Não, só na parte de orientação...

LM – Só, só de orientação.

AK – De teses, não é?

LM – É.

AK – Que ainda estamos terminando, ainda estamos orientando, terminando...

LM – Certo.

AK – A tese de mestrado.

LM – Sempre na área, nessa área de Helminto...

AK – Sempre, sempre em Helminto...

LM – É.

AK – Nunca saí disso, sempre na área de Helminologia, entendeu?

LM – Doutora...

AK – E a parte de parasitos de peixes, que você perguntou, não é?

LM – Isso.

AK – Então nessa parte de parasitos de peixes, eu acho que eu já comentei. Que durante alguns anos nós, eu trabalhei com esquistossomose, pela necessidade política...

LM – Isso.

AK – Não é, mas assim que o Coura abriu chance...

LM – Eu lembro que a senhora falou pra gente.

AK – Da gente voltar, eu voltei...

LM – Com os parasitos de peixe.

AK – Conte para vocês...

LM – Hum, hum.

AK – Que o laboratório foi credenciado por sugestão da presidência, não por pedido meu, que eu sempre achei que quanto menos chefia melhor, não é, para mim. E, enfim.

LM – Dá mais tempo de trabalhar, não é?

AK – Isso.

LM – É.

AK – Exatamente.

LM – Eu queria agora, doutora, que a senhora falasse um pouquinho para gente, um pouquinho não, pode falar bastante...

NR – Bastante, é para ser mais...

AK – Ah, sim.

LM – (risos) Sobre a, a coleção helmintológica...

AK – Sim, bom, a coleção...

LM – Como é que se cria uma coleção, por quê que se tem uma coleção...

AK – Isso.

LM – O que que a senhora pensa?

AK – Bom, essa, essa...

LM – É.

AK – Coleção, primeiro que, foi iniciada, vocês sabem, por Lauro Travassos (ruído)...

LM – Isso.

AK – Que foi quem começou, aqui na escola de Mangui..., apesar de outros terem começado trabalhos de helmintos, mas ele foi o grande iniciador da escola de taxionomia, não é, de Helmintologia e obviamente, o material que ele estudava, que ele colecionava, que eram feitas muitas excursões, tinha que ser depositado e ele então iniciou essa coleção.

LM – Certo.

AK – E, essa coleção obviamente, foi crescendo, não é, com o grupo dele e do Teixeira de Freitas e se tornou, aqui na América Latina, é a maior e mais importante, principalmente pelo número de pesquisadores que usam essa coleção e que do Brasil inteiro, hoje em dia, eles depositam, por ser uma coleção reconhecida...

LM – Internacionalmente.

AK – Internacionalmente, não é. Então, uma coleção, para quem trabalha em pesquisa, principalmente com taxionomia, é imprescindível, você tem que ter um local para você colocar as espécies-tipo, o material que foi estudado, o material-tipo, para que outras pessoas possam comprovar aquilo que você disse, não é? Você descreve uma espécie e diz que tem duas pernas, quatro olhos, não sei o que, amanhã, alguém, depois, tem que ter essa disponibilidade desse material para comprovar o que você descreveu.

LM – Certo.

AK – Não é. Então, isso tem que ser colocado numa coleção, e coleção é uma coisa muito importante para quem trabalha em taxionomia, não é, não tenha dúvida. Hoje em dia nós até como exigências, quando nós publicamos em revistas estrangeiras, eles solicitam que se coloque também, um exemplar, uma mostra do material-tipo numa coleção estrangeira, pela dificuldade do acesso ao Brasil. Pelas distâncias...

LM – Hum, tá certo.

AK – Entende? Porque se você está na Europa, você para ir de um país ao outro, para examinar...

LM – É muito mais fácil.

AK – Alguma coisa, é muito fácil.

LM – Claro.

AK – Mas, para você vir aqui é muito difícil.

LM – É.

AK – Então, eles solicitam isso e o que é uma coisa, uma prática que eu acho muito válida, não é? E também tem o seguinte, teve...

LM – E, tem...

AK – Quando eu era assessora...

LM – Ah.

AK – Da presidência, eu fiz uma norma que pedi para o Dr. Oswaldo Cruz [Filho] assinar, que os tipos não poderiam sair da coleção, porque muitos tipos foram perdidos...

LM – Ah.

AK – Na hora de empréstimo. Porque eles pedem o empréstimo de tipo, para poder comparar, é óbvio. Mas, a espécie-tipo, eu sempre disse que não pode sair da coleção. Uma, os parátipos

tudo bem, qualquer exemplar de parátipos, tudo bem. Mas, nunca a espécie-tipo, para não ter o perigo de perda...

LM – Certo.

AK – Que houve muita perda, quando se mandava para o navio uma norma, não é.

NR – Isso no tempo do Dr. Walter, Walter Oswaldo Cruz?

AK – Não, não. Oswaldo Cruz Filho...

NR – Filho, ah...

LM – Filho.

AK - Que foi o presidente da Fundação, não é?

LM – É.

AK – Eu fui assessora dele...

LM – É, foi...

AK – Então, eu fiz essa norminha, principalmente por causa da nossa coleção, para que não saísse. Porque é muito mais fácil quando um pesquisador de uma instituição reconhecida pede um tipo e você dizer: a norma é do Instituto.

LM – Entendi.

AK – Não pode sair. Entendeu? Você se baseia numa norma...

LM – É mais fácil.

AK – É muito mais fácil...

LM – Também. Evita...

AK – Exatamente. Agora, parátipos, tudo bem.

LM – Parátipos também.

AK – Para isso você tem que depositar os tipos e parátipos e isso também facilita de você botar lá fora.

LM – O que são tipos e parátipos, doutora?

AK – Você, você tem o seguinte. Quando você, vamos dizer, no nosso caso, a gente encontra vários helmintos num...

LM – Certo.

AK – Num peixe, vamos dizer, não é, e você considera aquilo uma espécie nova. Então, você escolhe um dos exemplares que, vamos dizer, o melhor estado em que a morfologia esteja mais aparente, não é, o que estiver em melhor estado para ser a espécie-tipo e você baseia a sua descrição naquele e nos outros exemplares daquela coleção, não é, daquela amostra que você coletou. Então, aquele que você baseou a coleção principal, o que você escolheu por algum motivo, fica sendo a espécie-tipo...

LM – Tipo.

AK – E os outros são os parátipos, está?

LM – Ah, está certo.

AK – São exemplares da mesma amostra...

LM – Certo.

AK – Que você se baseou para fazer uma descrição de uma espécie nova.

LM – Certo.

AK – Está? Então, esse exemplar não pode sair. Geralmente você faz a figura, a foto, as medidas, não é, desses, desses exemplares.

LM – Certo.

AK – Não é? Para descrever a tua espécie nova.

LM – Certo.

AK – Está?

LM – A senhora falou aí que se manda uma amostra para o exterior.

AK – Isso.

LM – Que local no exterior?

AK – Não, em coleções.

LM – Hum.

AK – Está? Então, vamos dizer assim, você tem várias coleções helmintológicas reconhecidas, não é?

LM – Certo.

NR – Hum.

AK – Você tem o *British Museum*, está, em Londres.

LM – Está.

AK – Tem no Museu de Nebraska, nos Estados Unidos, do (TI), que também fez como o Travassos uma coleção que hoje é reconhecida internacionalmente...

LM – Certo.

AK – Você tem na França. Todas as grandes instituições de pesquisa, onde se trabalha muito com helmintos, têm uma coleção helmintológica.

LM – Certo.

AK – Está?

LM – Certo.

AK – Então, na República Tcheca, você tem também da Academia de Ciências. Então, todos os pesquisadores daquele país que tra...

NR – Hum.

AK - E depositam o seu material ali.

LM – Ah, entendi.

AK – Geralmente, aonde tem grandes grupos, não é, trabalhando como em Londres, como Paris, como na República Tcheca, não é, nas principais...

LM – Certo.

AK – Na Rússia, enfim. Todos os lugares onde se trabalham com helmintos têm uma grande coleção. Então, você deposita nesta coleção.

LM – Certo.

AK – Está? Os Estados Unidos, em várias cidades.

LM – Certo. Hum, hum. Uma outra coisa que a gente queria que a senhora falasse para gente, doutora, hoje, é assim. A sua vida toda, praticamente, a senhora passou trabalhando com helmintos parasitos de peixe, não é?

AK – Certo.

LM – E qual é a pesquisa que a senhora está desenvolvendo hoje...

AK – É, hoje.

LM – Na FIOCRUZ e há quanto tempo?

AK – Isso.

LM – Claro que tem relação com helmintos parasitos de peixe...

AK – É, é, é claro. Bom...

LM – Mas detalha para a gente um pouco...

AK – É, bom, um dos...

LM – Esse...

AK – Um dos projetos, vamos dizer assim, que temos desenvolvido, começou em 85, é o de parasitos de peixe reservatórios de usinas hidrelétricas. Em 1985 eu fui convidada pela ELETROSUL, para fazer um exame dos peixes das usinas hidrelétricas. Porque as usinas, os reservatórios de usinas hidrelétricas, não é, em países bem desenvolvidos, em que se trabalha muito com eles usam exatamente os reservatórios para criação de peixe.

LM – Certo.

AK – Então com isso você aumenta, porque o peixe é o alimento mais rico em proteína, não é, não depende de seca, nem de chuva, nem de...

LM – Das intempéries da natureza. (risos)

AK – Problemas, das intempéries da natureza...

LM – Não é, geadas, essas coisas. É.

AK – Você criar. Então, eles quando fazem uma usina hidrelétrica, que eles estão inundando áreas...

LM – É.

AK – Que eram usadas, vamos dizer, para gado, criação de gado...

LM – Plantio, não é?

AK – Eles substituem pela criação de peixe.

LM – Eu não sabia disso.

NR – Nem eu.

AK – Que é uma, é, entendeu?

LM – Interessante.

NR – É.

AK – Em todos os países eles fazem isso, que é uma coisa fantástica.

LM – Claro.

AK – Porque é...

NR – Uma maneira de aproveitar aquela área.

AK – Aproveitar, exatamente.

LM – É, lógico.

AK – Então você aproveita aquilo com o peixe.

LM – Ótimo.

AK – Então fazem criações de peixe, que é muito mais fácil...

LM – Claro.

AK – E sem problema. Então, em 85, era um pesquisador, que era o chefe do meio-ambiente, professor Godoi, que era um especialista em peixes e do meio-ambiente, conhecendo os meus trabalhos, me convidou para eu fazer esse levantamento, que exatamente ele queria implantar isso nos reservatórios da ELETROSUL. Mas para ele fazer como eles chamam, peixamentos...

LM – Peixamentos (risos).

AK – Colocar mais peixes dentro dos reservatórios, ele teria primeiro que saber como estão os peixes daquele reservatório, ou seja, se aqueles peixes estavam parasitados ou não. Para não ter o perigo de você botar peixes ali, com parasitas que pudessem vir a causar danos ao homem, quando...

LM – Fosse comida.

AK – Fosse comida, certo? Então esse trabalho iniciou em 85, eu comecei, fiz esse trabalho em três usinas, tivemos ajuda da ELETROSUL, que pagava, custeava, toda a parte de passagens, estadia, enfim, fez toda, custeou toda essa pesquisa e esse trabalho foi feito em três reservatórios. Nas Usinas Hidrelétricas Salto Osório, Salto Santiago e Passo Fundo, está? Então, foi feito, fizemos, publicamos esses trabalhos, está, com os resultados do parasitismo nos peixes. Infelizmente lá, depois, política no Brasil é isso, nunca não tem continuidade...

LM – É, infelizmente.

AK – Mudou o diretor da ELETROSUL e então ele não teve a mesma visão do antigo diretor.

LM – Hum.

AK – Então eu não soube mais da continuidade, se eles aproveitaram essa pesquisa...

NR – Hum.

AK – Para fazer os peixamentos ou não....

LM – Que coisa.

AK – Porque eu sei que não deram continuidade à pesquisa. Mas, nós terminamos a pesquisa e pelo menos para a parte científica, isso teve proveito, porque os trabalhos são publicados e estão aí.

LM – Certo.

AK – E aí nós descrevemos várias espécies novas de helmintos, porque era uma região nunca pesquisada, não é...

LM – Certo.

AK – Entendeu? De pouca, nunca ninguém fez essa pesquisa aí. Então, exatamente depois disso, então, nós fomos para Itaipu. E estamos fazendo esse trabalho em Itaipu, desde 90, não é, já estamos dando continuidade, continuidade ainda. Porque Itaipu é um reservatório imenso e nós então fizemos essas coletas em diversos pontos do reservatório, está?

LM – Certo.

AK – Inclusive fizemos essa pesquisa com duas finalidades. Uma delas, inclusive, coletamos peixes, para coletando os parasitos de peixes de locais fora do reservatório, ou seja, do *habitat* natural. No rio, em regiões não represadas, para ver a comparação do parasitismo em áreas represadas e não represadas, está? Para ver se isso havia diferença ou não. Então, estamos publicando a parte de nematódeos, nós fizemos com o professor Moravec da República Tcheca, pelas facilidades da microscopia eletrônica de varredura que eles têm lá muito mais do que nós, está?

LM – Microscopia Eletrônica de Varredura.

AK – De varredura, isso. Eu vou mostrar depois os trabalhos para vocês.

LM – Está.

AK – Então, é um grande especialista em nematódeos. Então, foi para nós muito proveitoso, porque nós fomos convidados para um congresso na República Tcheca, em 1988. E fizemos contato com esses pesquisadores, que é um dos maiores especialistas em nematódeos, não é, uma das classes de parasitos e lá já mesmo na época que era comunista, eles tinham maior facilidade com equipamentos em outros, em microscopia eletrônica, do que nós aqui. Então, eu coletava material, eu classificava e mandava pra ele que fotografava e terminava a parte de descrição e publicava lá. Então esses trabalhos...

LM – Certo.

AK – Foram publicados lá e foi muito interessante. Agora nós estamos concluindo, estamos publicando a parte dos trematódeos dos outros helmintos, não é? Que é muita coisa, é muito trabalho. Esse é, isso é um dos projetos do laboratório que estamos dando continuidade. Depois, além disso, então, nós tivemos o convite e fomos examinar os peixes do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, do DNOCS, lá em Pentecostes, Ceará. Então fizemos o mesmo trabalho, examinando os peixes, não só dos açudes, mas como os dos viveiros, não é...

LM – Certo.

AK – Peixes de criação lá do DNOCS. Então, são exatamente projetos que são de áreas represadas...

LM – Certo.

AK – Açudes e usinas, usinas hidrelétricas. Bom, paralelo a isso, então, eu iniciei, abri uma outra linha de pesquisa aqui no laboratório, principalmente por causa com a orientação da Fátima, da Maria de Fátima que já trabalhava, já tinha um pouco de experiência com ultra-estrutura, então, nós abrimos essa linha de ultra-estrutura. Porque, principalmente de estrutura de transmissão, está? Porque de varredura nós já fazíamos lá...

LM – Certo.

AK – Com a República Tcheca, já fazíamos na época, já. Então utilizando, eu comecei esse trabalho de ultra-estrutura, eu comecei quando eu trabalhava com esquistossomose. Então na época que eu trabalhei, aqueles anos que eu trabalhei com o *Schistosoma*, a ação de drogas sobre o *Schistosoma*, eu tive que utilizar a microscopia eletrônica. Então, para isso, eu fui fazer o curso de Citologia, de ultra-estrutura no Fundão, para me atualizar, não é, já que quando eu me formei ...

LM – Essa área não era...

AK - Essa área não era reconhecida. Fiz o curso e fiz vários trabalhos nisso. Então eu quis aproveitar essa minha experiência em ultra-estrutura nos parasitos de peixe. Então, abrimos essa linha e exatamente então, fazendo, principalmente, ultra-estrutura de aparelho reprodutor e ultra-estrutura de tegumento. Então com isso, nós orientamos duas teses de mestrado e duas teses de doutorado nessa linha, está?

AK – Da Simone em tegumento e da Fátima em aparelho reprodutor.

LM – Certo.

AK – E é uma linha que nós abrimos que muito pouca gente aqui no Brasil trabalha com ultra-estrutura, principalmente transmissão em helmintos parasitos de peixe, está?

LM – Está.

AK – Então, é outra linha que o laboratório está...

LM – Abrindo.

AK – Abrindo. Outra linha que nós temos, outro projeto, é com a Lúcia, que é o dos parasitos de peixes de atum. Como atum é um dos peixes mais comestíveis, não é, um dos peixes de mais valor comercial...

LM – Certo.

AK – E tudo e que era muito pouco conhecido também, os parasitos do atum, então a Lúcia está fazendo coletas e já coletou... Quantas? Quantas necropsias Lúcia, você já fez? Em atum?

LS – Mais de duzentas.

AK – Mais de duzentas, não é.

LM – Mais de duzentas?

AK – Então já fez mais de duzentas necropsias...

NR – Nossa!

LM – Nossa!

AK – E os resultados estão saindo, uma delas até vai ser projeto de tese de mestrado. São aqueles, vocês tão vendo ali. Já foram apresentados em congressos, os primeiros trabalhos e agora nós estamos divulgando...

LM – Certo.

AK – Esses trabalhos, que é outra linha. Quer dizer, tudo dentro de parasitismo de peixe, vocês vêem, são várias coisas...

LM – Mas é muita especialização.

AK – Mas são várias, são várias linhas...

LM – Vertentes, não é?

AK – Não é, exatamente. Porque é um grupo grande, então, você, cada uma vai pegando uma parte, não é? E além desse tem mais uma que é parasitos e peixes geral do interesse econômico do litoral do Rio de Janeiro. Está com a Berenice...

NR – Todas as pesquisas aplicadas, não é?

LM – É.

AK – Tudo, é. Tudo dentro dessa aplicação da parte de parasitismo de peixe, não é? Estamos, além disso, nós concluímos uma listagem dos *Monogenea*. *Monogenea* é uma classe de helmintos que parasita a brânquia dos peixes. E que são muito danosas, porque prejudica muito principalmente peixes de criação. Dá uma mortandade muito grande, está? Então, nós fizemos. Eu publiquei, apresentei num congresso na República Tcheca e já saiu publicado uma lista de todos os *Monogenea* da América do Sul que parasitam peixes da América do Sul. E agora, estou atualizando um catálogo. Não sei o que eu vou mostrar para vocês, desliga aqui um estantinho, que eu...

(PAUSA NA GRAVAÇÃO)

Em 69, nós publicamos, ainda com Travassos e Teixeira um catálogo de todas as espécies de trematódeos do Brasil...

LM – A senhora contou...

AK – Está?

LM – Para a gente, que...

AK – E agora, pois é...

LM – É.

AK – Isso eu até contei...

LM – É, que foi...

AK – Até chorei, não é?

LM – É.

AK – Não quero chorar de novo. Bom...

NR – Não.

LM – Não.

NR – (TI) chorar.

AK – Então agora, nós estamos, eu estou fazendo atualização, quer dizer, estou fazendo, estamos pretendendo fazer atualização desse catálogo. Porque você imagina, já são praticamente trinta anos.

LM – Trinta anos, não é?

AK – Então, só que, estamos ampliando para América do Sul.

LM – Ah...

AK – Porque exatamente você chega uma hora que você não pode separar muito o Brasil, não é de...

LM – É.

AK – Toda a América do Sul, considerando os animais, não é?

LM – Lógico, lógico.

AK – Porque eles não estão situados só ali.

LM – As espécies se transitam aqui e ali....

AK – Exatamente.

LM – Não é, não...

AK – E o interesse para os pesquisadores estrangeiros é de toda a América do Sul. Então, nós estamos ampliando e já estamos concluindo, só que nós vamos ter que, infelizmente, dividir. Porque isso daqui foi da América do Sul, de todos os animais e aqui, nós vamos ter que dividir, porque isso em trinta anos aumentou muito o número de espécies conhecidas...

LM – Certo.

AK – Principalmente na América do Sul. Então nós estamos concluindo já a parte de parasitos de peixes e vamos publicar parasitos de peixes para depois pegar dos outros vertebrados, não é? Então, esse catálogo eu estou fazendo com a Berenice e com a Simone, estamos agora procurando aonde publicar, vamos ver se... (PAUSA NA GRAVAÇÃO)

Fita 2 - Lado B

AK – ... de muita ajuda para todos que trabalham...

LM – Com certeza.

AK – Com helmintos, porque você...

LM – Uma obra de referência, não é?

AK – Exatamente. É uma obra de referência e que nós já vamos facilitar dando as figuras...

LM – É, tem as ilustrações.

AK – Com as principais medidas...

LM – Isso.

AK – Está?

LM – Maravilha.

AK – Então, principalmente, para quem, para o pesquisador estrangeiro, que tem pouco acesso, às vezes, a revistas ...

LM – ...brasileiras.

AK – Pouco divulgadas, às revistas antigas, porque hoje em dia já há uma, a gente já se preocupa mais de publicar em revistas que sejam internacionalmente conhecidas.

LM – Isso.

AK – Está? Agora, infelizmente, isso não acontece em todos os lugares. Então, têm muitos pesquisadores em outros, em outras, instituições aqui no Brasil, que publicam em revistas que não têm divulgação nenhuma. Em revistas de faculdade, em revi... Então...

LM – É.

AK – Esses trabalhos ficam perdidos até para nós, porque eles não saem em, em index, não é?

LM – Entendi.

AK – Não são indexadas, as revistas não são indexadas no (...). Então ficam espécies perdidas, não é. Nós procuramos, tentamos achar e compilar isso, procurar, mas enfim... Mas eu acho que é um trabalho, é muito trabalhoso, mas que dá uma grande ajuda, pra todos, estudantes, veterinários principalmente, para, para todos que trabalham com animais e com parasitos de animais.

LM – Claro.

NR – Uma rea..., realização pessoal.

AK – Isso, exatamente. É.

NR – Equipe, não é?

AK – Isso, exatamente...

LM – É.

AK – Um trabalho de equipe. E aí a gente está com toda...

LM – Poxa, uma vida bastante agitada, não é, doutora? (risos)

AK – É, é. A gente está com esse coisa, muito trabalho, não é, para fazer, por mais que a gente queira.

LM – Uma equipe de quantas pessoas mais ou menos?

AK – Nós somos ...

LM – Nesse laboratório?

AK – Muito poucos...

LM – É.

AK – Pela quantidade de trabalho...

LM – Exatamente.

AK – Então tem a doutora Berenice, que já está comigo há mais de 25 anos.

LM – Berenice do quê?

AK – Berenice Fernandes Lima, não é?

LM – Certo.

AK – Berenice já está comigo, já está aqui há mais de 25 anos, depois vem a Maria de Fátima, não é, Batista Farias, já está eu acho que uns 15 anos...

AK – A Simone Cohen. Então é, eu, Berenice, a Maria de Fátima, Simone e a, a Lúcia, não é?...Lúcia Santos, que a Lúcia era... a Lúcia foi muito interessante, eu quero até ressaltar o esforço dela. Porque a Lúcia entrou aqui no laboratório como técnica...

NR – Interessante. (fala bem baixo)

AK – É, entendeu, como técnica e auxiliar técnica, não é?

LM – Olha. (fala bem baixo)

AK – Então, depois ela fez a faculdade, depois ela passou para outro departamento, foi trabalhar no Micologia e depois voltou para trabalhar comigo já depois de formada, ela é bio..., é técnica de nível superior, não é.

LM – Certo.

AK – Biotécnica, biotecnologista de nível superior...

LM – Isso.

AK – Entende?

LM – Que legal, não é?

AK – Então essa mu... Então foi um esforço muito grande...

NR – Dedicção.

LM – É.

AK – Uma dedicação muito grande. Então somos cinco pesquisadoras. Temos uma mestranda, que está terminando, deve terminar a tese agora em agosto e um auxiliar técnico, não é, o Paulinho que é o nosso braço direito, não é (risos). Então é um grupo pequeno, mas é um grupo muito homogêneo...

LM – Que bom.

AK – E um grupo que exatamente, que todos, vamos dizer, eu considero como filhos meus. (risos) Porque todos criação minha, todos vieram para cá estudantes, todos vieram para cá começando e eu tive esse prazer de dizer que eu formei esse grupo, não é...

LM – Que bacana, hein. (risos)

AK – É, que isso é que eu acho uma coisa importante...

NR – É.

LM – É.

AK – Porque o exemplo que a gente vê no Instituto é que muitos laboratórios, principalmente na época que eu entrei, foram fechados porque os pesquisadores...

LM – Falta de pessoal.

AK – Não formaram...

LM – Escola.

AK – Escola, não é? Então, acabaram com a pessoa parava, acabava o laboratório.

LM – É. É.

AK – E isso pelo menos, eu fico muito tranqüila, de ter dado continuidade ao Travassos, não é, quer dizer, eu como, da mesma maneira como ele foi e formou a escola...

LM – Você formou...

AK – Eu formei meu grupinho.

LM – É.

AK – Se eles vão dar continuidade, aí passa a ser outro problema e responsabilidade deles, não é...

LM – Ah, vão dar sim.

AK – Mas eu consegui, eu espero passar isso para eles, porque nem todos do grupo de Travassos conseguiram fazer isso. Mesmo lá na parte da coisa, você não vê muita continuidade, se bem que...

LM – Sim.

AK – Já tem gente nova, não é? E isso é que é importante, não é?

LM – Claro.

AK – Para não fechar, porque senão acaba com a Helminologia. Já é uma coisa muito pouco estudada, não é. Taxionomia é uma coisa muito pouco estudada. Depois da Biologia molecular, o pessoal...

LM – É, agora só quer...

AK – Ninguém quer fazer taxionomia...

LM – É.

AK – Quer fazer Biologia molecular, porque é difícil.

NR – Trabalho.

AK – Não, é difícil. Não é fácil. É muito difícil mesmo, você aprender deter..., classificar uma espécie...

LM – É, imagino.

AK – É muito difícil. Às vezes você perde anos até conseguir classificar uma espécie. Assim mesmo depois você se engana...

NR – Ah...

LM – Caramba.

AK – E vê, sabe?

LM – É.

AK – É, é. Não é fácil mesmo, entende, mas, enfim...

LM – É.

AK – Estamos dando continuidade.

LM – Pergunta!

NR – É, doutora, sobre a Coleção Helminológica...

AK – Sim.

NR – Nos anos 70, não é, com todo o processo de intervenção do governo, a coleção, algumas coleções daqui tiveram a possibilidade de ser transferidas ou...

AK – É.

NR – Ou simplesmente serem...

AK – É, isso nós tivemos uma luta...

LM – É.

AK – Isso, nós tivemos uma muito grande, não é, que, acho que foi até idéia, se não me engano do professor Lobato, que queria retirar a coleção daqui, eu acho que com a desculpa de que não era coleção de pesquisa básica, que não era ligada à Saúde Pública, à Medicina, enfim, foi uma luta muito grande. E ele quis, inclusive, transferir essa coleção para o Museu Nacional. Felizmente, a própria direção do Museu Nacional reconheceu e deu parecer que os prédios lá eram muito antigos e que não tinha segurança nenhuma para receber uma coleção tão valiosa.

NR – Sei.

AK – Então foi a nossa sorte...

LM – Ainda bem, não é.

AK – E nós conseguimos, com muita dificuldade manter...

NR – Manter aqui, não é?

AK - Essa coleção aqui, não é...

LM – Hum, hum.

AK – Que hoje é reconhecida. E seria uma perda muito grande para o Instituto, não é?

LM – Sem dúvida.

AK – Eu, eu fico muito preocupada quando às vezes as opiniões ficam em cima de uma cabeça só, não é...

LM – É.

AK – E quando essa cabeça consegue às vezes, esses assessores conseguem às vezes influenciar os diretores, não é, principalmente numa época que não tinham conselhos e tudo... Porque hoje em dia, eu acho que o, a existência de um CD [Conselho Deliberativo] ...

LM – Um CD, é...

NR – É.

LM – Conselho de Diretor.

AK – Como nós temos hoje, já é uma coisa que...

LM – Democratiza muito mais.... as coisas.

AK – Democratiza, já impede que saia...

LM – É.

AK – Essas opiniões pessoais...

LM – Isso.

AK – Com rixas...

LM – E que isso prevaleça.

AK – Com rixas...

LM – Exatamente.

AK – Pessoais, não é.

LM – É, é.

AK – Porque a gente sabe que era mais rixas pessoais do que...

LM – É.

AK – E problemas políticos...

LM – Do que problema. Preocupação...

AK – Do que científico...

LM – Mesmo com...

AK – Do que preocupação com a coleção.

LM – Com a coleção. É.

AK – Porque se fosse preocupação com a coleção, a primeira coisa que eles iam fazer é criar um... se era problema, era...até construir um prédio para abrigar a coleção, não é. (risos). Entenderam? Porque até aqui nesse prédio a gente não sabe qual é a segurança que ela tem, não é. Porque é um prédio antigo e enfim.

LM – Ah, está. Certo. Bom, eu assim, acho...

AK – Acha que...

LM – Que considero que... foi ótimo, não é, esse nosso...

AK – É, eu espero.

LM – Bate-papo, doutora.

NR – É, se ela tinha algo.

LM – Queria perguntar se a senhora tem alguma coisa que a senhora gostaria de falar, que nós, por uma falha nossa não tocamos...

AK – Não, eu tenho impressão que...

LM – Ou...

AK – Tudo que eu falei... A única coisa que...

LM – Algum comentário...

AK – O único comentário que eu tenho pena...

NR – Alguma coisa que a senhora gostaria de registrar.

AK –Registrar, o problema que a gente sente aqui, que eu consegui com muita dificuldade, formar esse pessoal, mas eu perdi muita gente, pela dificuldade de contratação.

LM – De contratação. É.

AK – Então, eu tive, já passou pela minha mão, estagiários maravilhosos, está, que começaram, publicaram comigo. Eu perdi anos da minha vida, tempos, que eu poderia estar fazendo, produzindo para ensinar esse pessoal e quando eles estavam no ponto...

LM – É.

AK - “X”, que eles começam como estudantes e tudo e quando fazem a tese e depois que está na hora de você aproveitar e você começar a colher os lucros disso, eles tiveram que abandonar para poder sobreviver.

NR – Hum.

LM – É.

AK – Então uma conseguiu um emprego no Estado, num laboratório de análises, a outra foi trabalhar, foi ser vendedora da Khrisna, porque ela ganhava... Claro!

LM – É.

AK – Ela ganhava cinco vezes o que a bolsa daqui...

LM – O que a bolsa daqui, é.

AK – Permitia. Entendeu? Então isso é que eu quero registrar. Então foi muita...

LM – Isso é muito perverso, não é?

AK – É. Com muita dificuldade e com muita sorte, eu consegui a Fátima por esforço dela, porque ela foi primeiro, ela foi contratada pelo INCQS, ficou lá muito tempo, batalhando e depois ela conseguiu, por esforço próprio, conseguiu transferência para cá. Porque ela tinha começado comigo, como estagiária, iniciou em helmintos, mas depois tendo necessidade de um contrato, ela foi pro INCQS, de lá ela foi pra Dengue, depois conseguiu da Virologia, ter sido cedida muito gentilmente, graças à amizade que eu tenho com o Dr. Hermann Schatzmayr, que ele foi quem me cedeu a Fátima, reconhecendo que ela gostava de helmintos, que era o que ela queria fazer, então isso é uma coisa que eu tenho que agradecer a ele.

LM – Claro.

AK – Que ele me cedeu essa vaga da Fátima sem troca, sem nada. Então, eu consegui graças ao Hermann. Depois eu consegui, tivemos a sorte de ter um concurso, abriu um concurso, que eu consegui que a Simone passou no concurso, também por esforço próprio, não é, de estudar e tudo e consegui por esforço próprio passar. E agora eu estou preparando mais uma mestranda e eu espero não perdê-la, está.

LM – Ah.

AK – Então ela vai ter que engrenar no curso do Doutorado e eu espero que assim que apare..., que haja vagas...

LM – Que haja vagas.

AK – Que esse é que é o grande desestímulo que a gente tem. Então, eu, sabe, você não tem como aceitar mais estagiários, sabendo que você não tem como depois...

LM – No futuro...

AK – Aproveitá-los.

LM – Aproveitá-los, é.

AK – Entende? Então isso é um grande problema. Eles querem dar continuidade aos laboratórios, querem formação de recursos humanos, mas não lutam por isso. Isso é um problema e o segundo, é o que todo mundo sabe, é o problema da... remuneração baixa.

LM – É.

AK – Entende. Então, eu, vamos dizer, felizmente, meu marido não era pesquisador, não é.

LM – Risos

AK - E eu pude me dar o luxo de fazer pesquisa. Na época que a Fundação ainda era do Ministério, a vida toda... é outra grande vantagem foi que o CNPq sempre manteve, não é, a bolsa. Eu tenho a bolsa do CNPq, desde 1962...

LM – Caramba.

AK – Sem parar. Eu sou bolsista do CNPq direto. Entendeu? Comecei desde aperfeiçoamento...

LM – Quase 40 anos, doutora

AK – Exatamente. Que eu sou bolsista do CNPq. Cada dois anos eu me submeto a uma nova avaliação, concorro novamente com todo mundo...

LM – Está. Que legal, hein.

AK – E consigo ganhar novamente essa bolsa...

LM – Bacana.

AK – Que pra mim é mais título, porque essa própria bolsa infelizmente, foi diminuindo o valor e hoje o valor é simbólico. É um valor irrisório, entendeu? É um valor simbólico, para mim vale mais pelo *status* e o orgulho de continuar pertencendo ao CNPq.

LM – É.

AK – Mas, é uma vergonha que a gente tem que trabalhar por orgulho, não é.

LM – Com certeza.

AK – Então, eu continuo também aqui, só com uma gratificação de chefia, que é baixíssima, não é? Mas de fato, pelo prazer que a gente tem de produzir. Porque o que eu acho é o seguinte: você leva pelo menos dez anos pra iniciar, saber um pouquinho de taxionomia...

NR – Nossa.

AK – E, é, com trinta anos de pesquisa, é quando você chega no ponto máximo do seu conhecimento, está? E aí quando você está nesse ponto alto, é na hora de você se aposentar...

LM – Se aposentar.

AK – E todo esse dinheiro que foi investido em você, vai por água abaixo. Então é um dos motivos que eu acho que é um absurdo você parar, não é, e então eu acho que eu ainda tenho obrigação de continuar. E, estou então ainda, não é. Quer dizer, tive esse convite de continuar na chefia, chefiando o laboratório, mas pena que a gratificação é muito baixa mesmo, entendeu? E que a gente vai seguindo pelo prazer, não é, de fazer isso. Até quando eu não sei. (risos), entendeu? Até a hora que...

LM – É.

AK – De fato eu puder preparar o pessoal, que não precisem mais de mim e que eu possa então, curtir a minha aposentadoria e curtir meus netos, não é? (risos) Entendeu, se essas...

LM – É.

AK – É, que a gente não tem um estímulo da...

LM – É.

AK – Não existe estímulo nenhum.

LM – É.

AK – De remuneração...

LM – Isso é muito chato.

AK – Entende?

NR – É.

AK – Não existe estímulo nenhum. Mas, enfim, tem o estímulo, a gratificação pessoal dos trabalhos publicados, não é?

AK – São mais de 120 trabalhos publicados, entende? E, e o reconhecimento, os convites para os congressos no exterior, enfim, e tudo isso, não é.

LM – É, que acaba contando.

AK – É que é o que também conta, não é, e você, a gratificação de você ver os seus discípulos...

LM – É.

AK – Aparecendo, não é. E já eles orientando teses também, quer dizer, isso é que é importante.

LM – Seria muito bom se paralelo a tudo, tivéssemos uma...

AK - Você tivesse não é, uma remuneração...

LM – Boa remuneração.

AK – É, é.

NR – Valorização.

LM – Realmente.

AK – Valorizada tanto o trabalho...

LM – Exatamente.

NR – Anos de experiência.

AK – Eu tenho vergonha de contar para os meus colegas...

LM – Que...

AK – Depois de tanto esforço, tanta coisa, porque a gente vive estudando, não é?

LM – Com certeza.

AK – Você não pode parar nunca.

LM – Não pára, não pára, não.

AK – Então, o que você ganha é muito pouco, proporcional ao que a gente...

LM – É.

AK – Ao que a gente dá, não é? Mas, tudo bem, isso é assim...

LM – É.

AK – A pesquisa no Brasil é assim.

LM – É, infelizmente.

AK – É (ri)

LM – Tomara que isso mude algum dia, não é. Mas eu...

NR – É.

AK – Pois é, vamos ver se um dia isso vai mudar. É, mas é difícil.

LM – É, vamos esperar...

AK – É, pois é.

LM – Mas eu estou achando meio difícil. (ri)

AK – É, é, é, é isso.

LM – Bom, então queria...

AK – Então está.

LM – Agradecer muito a senhora...

AK – Nada!

LM – Doutora, por a senhora ter...

NR - Proporcionado essa pesquisa, entrevista...

LM – Proporcionado esse conhecimento da gente, da sua trajetória, da sua vida, do seu trabalho. Foi muito bom...

AK – ...Não tem de quê.

LM - A gente queria agradecer o tempo, não é, que a senhora desprendeu com isso.

AK – Tudo bem, foi um prazer. Foi um prazer. (Risos) Muito bem.

LM – E, e...

AK – Muito bem. (risos)

LM – Muito obrigada mesmo. (risos)